



Traducción realizada por las alumnas de 3er año de la carrera de Traductorado de Portugués del Instituto Superior Lenguas Vivas (SPEPM 0451), según acuerdo de colaboración suscrito con el Museo Histórico Nacional.

Alumnas:

Ana Belén Vera - DNI 34103 940

Fanny Cerutti - DNI 30 668 487

**Supervisión pedagógica: Prof. Carolina María José Lovera
DNI 35 010 067**

TEMPO DE REVOLUÇÃO

Textos de exposição

ESPAÇO BOULOGNE-SUR-MER

400. SAN MARTÍN NO EXÍLIO

Em 1824, alguns meses após a morte de sua esposa Remedios de Escalada, San Martín e sua filha Mercedes partiram para a Europa e se estabeleceram em Bruxelas. Em 1829, ele tentou retornar a Buenos Aires, mas coincidiu com o fuzilamento de Manuel Dorrego, fato que conduziu a uma guerra civil. Irritado, San Martín não quis avançar além de Montevideú. Ele retornou a Bruxelas, para nunca mais voltar à América.

Em 1830, começou uma revolução para tornar a Bélgica independente da Holanda. Os rebeldes belgas ofereceram a San Martín o comando militar. Mas ele recusou. Ele se mudou para a França e viveu por vários anos na tranquilidade de um subúrbio de Paris chamado Grand-Bourg. Em 1848, com o início de uma grande revolução em Paris, ele se mudou para a cidade litorânea de Boulogne-Sur-Mer. Ele viveu lá até sua morte, em 17 de agosto de 1850.

Em 1880, seus restos mortais foram transferidos para a Catedral de Buenos Aires. San Martín começou a ser celebrado pelo Estado nacional como o principal herói da história argentina. O Museu Histórico Nacional reuniu uma importante coleção de seus objetos para exposição e conservação.

—

- **F1167**

Grand-Bourg, nos arredores de Paris / Óleo sobre tela. Juan de Medina

401. Textos no degrau apontando para objetos

San Martín colecionava litografias de cenas de batalhas navais. Acredita-se que ele mesmo as tenha colorido.

Litografia de Simón Bolívar baseada em um retrato em miniatura feito meses antes de sua morte em 1830.

Relógio com busto de Napoleão Bonaparte, admirado por San Martín por seu gênio militar. Ele marca a hora em que San Martín morreu.

Cama de madeira de San Martín. As pessoas com problemas respiratórios, como ele, dormiam em uma posição reclinada.

O retrato de San Martín com a bandeira foi pintado pela professora de pintura de sua filha Mercedes. Acredita-se que Mercedes também tenha participado.

A bengala tem uma arma defensiva oculta dentro dela, chamada de estoque. O nome “José de San Martín” está gravado nela.

402. Quarto de San Martín em Boulogne-Sur-Mer

Os móveis, objetos e obras de arte expostos aqui pertenceram ao general San Martín.

Em 1899, os objetos foram doados ao museu por sua neta Josefa Balcarce, a pedido de Adolfo Carranza, o primeiro diretor. Josefa acompanhou a carta de doação com um esboço feito à mão do cômodo, mostrando a disposição dos móveis. A condição da doação era que eles deveriam ser exibidos na mesma ordem em que San Martín os tinha colocado.

Federico Santa Coloma, diretor do museu na década de 1930, reproduziu o “quarto mortuário” com a colaboração do cônsul de Boulogne-Sur-Mer. Ele mandou reproduzir com “absoluta fidelidade” a porta da frente, a porta

interna, as janelas, o fogão de mármore e os painéis de madeira das paredes. A exposição do quarto foi inaugurada em 1935.

403. Porta

Réplica da porta da casa onde José de San Martín viveu entre 1848 e 1850

Grande Rue N°105. Boulogne-Sur-Mer. Departamento de Pas-de-Calais.
França

- [F 1165](#)

404. O sonho de San Martín

Sofía Posadas fez essa obra inspirada nos objetos de San Martín preservados em este museu, incentivada pelo diretor Adolfo Carranza.

Observa-se San Martín sonhando em liderar uma batalha, tendo os Andes como cenário. A artista usou como base o daguerreótipo de San Martín tirado em 1848, juntamente com a mobília do quarto, as marinhas e o tinteiro da Inquisição de Lima, que também está em exibição no museu.

Posadas ousou tratar de temas que as convenções de gênero de sua época atribuíam a artistas homens, como nus femininos e a trajetória dos heróis.

—

Óleo sobre tela / Sofía Posadas, 1900

- [F1315](#)

405. Daguerreótipo do general San Martín

Em 1848, San Martín completou 70 anos. Nesse mesmo ano, ele se prestou a um retrato usando a primeira técnica fotográfica existente: o daguerreótipo, inventado uma década antes. Era necessário posar imóvel por alguns minutos na frente de uma câmera, dentro da qual uma placa

de metal sensibilizada com produtos químicos era exposta por meio de uma lente para a luz desenhar sobre ela.

A imagem mostra o Libertador com o braço apoiado na poltrona e a mão dentro do casaco, no estilo napoleônico. Esse é o último retrato para o qual San Martín posou.

—

Por motivos de conservação, aqui é mostrada uma cópia.

406.

Versão háptica do sabre-corvo do general San Martín. O sabre original, que está em exibição no final da exposição, é feito de aço damasco e pesa 910 gramas, muito menos do que outros sabres.

407.



Realizado por Alberto Cavallaro.

INTRODUÇÃO

408. TEMPO DE REVOLUÇÃO

Em 1808, após um longo período de crise, o império espanhol começou a se desmoronar.

Há décadas, a Europa e a América viviam a “era das revoluções”, que encontrou um novo território fértil em todas as colônias hispano-americanas.

Colocou-se em questão quem seria o líder e por quê. As hierarquias tradicionais foram desafiadas. Após anos de guerra, surgiram várias repúblicas independentes. Uma delas foi o início do que hoje é a Argentina.

- F948

409. Carimbo de prata usado pelo Congresso de Tucumán

EIXO # 1

410. HISTÓRIA DE UM REI PRESO

Na Espanha de 1808, prevalecia o descontentamento. A dependência da Espanha em relação ao império francês de Napoleão Bonaparte estava crescendo. Em março, houve uma revolta popular, em consequência da qual o rei Carlos IV renunciou à coroa. Ele foi sucedido por seu filho Fernando VII, que tinha opiniões diferentes. Mas Napoleão interveio e forçou Fernando a devolver a coroa a seu pai. Carlos, por sua vez, deu-a a Napoleão, que nomeou seu próprio irmão, José Bonaparte, rei da Espanha. Fernando VII foi feito prisioneiro pelos franceses, que ocuparam parte da Espanha.

Muitos espanhóis rejeitaram José Bonaparte. Eles argumentaram que o povo assumiria a soberania que tinha sido dada ao rei legítimo, Fernando VII, até que ele retornasse ao trono. Foram criadas juntas em seu nome em várias cidades. Eram órgãos governamentais coletivos compostos por funcionários e vizinhos proeminentes. As diferentes juntas se reuniram na Junta Central de Sevilha, que liderou a luta contra os franceses.

Na América Espanhola, as notícias provocaram comoção, sentimentos antifranceses e também desejos de autonomia. Formaram-se algumas

juntas em nome de Fernando VII; porém, foram reprimidas pelas autoridades coloniais.

- F851

411. Retrato alegórico de Fernando VII

Um leão espanhol morde uma águia francesa que cospe soldados em uma fogueira acesa por um homem em uma roupa de *majo*, vestimenta popular contrária ao estilo francês.

É traçado um paralelo entre Fernando VII e Fernando o Católico, o prestigiado fundador, juntamente com sua esposa Isabel, da monarquia espanhola no final do século XV.

Os napoleônicos eram considerados inimigos da religião, devido às medidas da Revolução Francesa contra a Igreja.

—

Ampliação de uma litografia da coleção do museu, autor desconhecido, 1808

- F855

412. Retrato alegórico de Fernando VII

Os retratos do rei preso se multiplicaram com as novas técnicas de impressão. Eles foram combinados com alegorias da luta por meio de diversas figuras. Aqui, um soldado segura a bandeira britânica, já que o Reino Unido colaborou com a Espanha desde 1808. Um leão hispânico morde uma águia napoleônica sobre uma mulher usando um gorro da liberdade acorrentado, símbolo da França.

As autoridades francesas ordenaram a confiscação dessas imagens para impedir sua circulação.

—

Litografia, autor desconhecido, 1808

413. A águia e o leão

A guerra na Espanha também foi uma luta de símbolos. O império de Napoleão era representado por uma águia. Ela aparecia em estandartes e nas medalhas da premiação pelo desempenho, como a que se encontra abaixo. Quando os espanhóis obtiveram uma grande vitória sobre os franceses na Batalha de Bailén, eles recompensaram aqueles que se destacaram com um distintivo no qual a águia tinha sido colocada de cabeça para baixo.

Devido à sua força, velocidade e precisão, a águia tem sido uma referência à atividade militar desde a Antiguidade. A República Romana a adotou como o principal estandarte de suas legiões no século I a.C. Com o império, a *aquila* romana se espalhou pela Europa como o principal símbolo do domínio imperial. Na Idade Média, Carlos Magno usou esse animal como símbolo do império que ele fundou. Napoleão a recuperou quando se tornou imperador em 1804.

A imagem do leão também foi usada em diferentes sociedades ao longo da história como uma representação de soberania, força, coragem e justiça. No século XII, foi adotado como símbolo por um dos estados da Península Ibérica naquela época, precisamente o Reino de Leão. Mais tarde, esse reino se fundiu com o reino de Castela, que incluiu o animal em seu brasão. No século XIX, foi considerado o mais antigo emblema espanhol.

- [F1941](#)

414. Medalha da Legião de Honra Napoleônica de Federico Brandsen

Napoleão criou uma ordem baseada no mérito, a Legião de Honra. Seu objetivo era formar uma nova elite conforme o “serviço à pátria”. Um lado mostra o perfil de Napoleão e o outro uma águia.

Brandsen era um militar francês que recebeu essa medalha. Anos depois, em 1817, ele se mudou para o Rio da Prata e lutou no exército de San Martín.

—

Prata e ouro esmaltados

- [F1330](#)

415. Medalha concedida a José de San Martín pela Batalha de Bailén

Em 1808, San Martín era capitão do exército espanhol. Ele se destacou nesse triunfo sobre os franceses e recebeu a medalha, na qual coroas e sabres se impõem sobre uma águia invertida, o símbolo do império napoleônico.

—

Ouro esmaltado

- [Texto nível 2](#)

416. Alternativas à crise

No Vice-Reino do Rio da Prata, três alternativas surgiram diante da crise no centro do império espanhol.

Na ausência do rei, alguns estudiosos, como Manuel Belgrano e Hipólito Vieytes, que há anos vinham propondo reformas para tirar os territórios americanos do atraso, tentaram implementar um governo autônomo. A proposta era estabelecer uma regência sob o comando de Carlota Joaquina, irmã de Fernando VII e esposa do príncipe regente de Portugal,

que tinha fugido de Napoleão e estava no Brasil. Mas o vínculo com Portugal gerou rejeição e o projeto fracassou.

Outra solução foi criar juntas em nome de Fernando, como na Espanha. Em 1808, foi formada uma em Montevideú, que deixou de obedecer a Buenos Aires, a capital do vice-reino. Mas a Junta Central de Sevilha ordenou sua dissolução. Em 1809, os membros do Conselho da cidade de Buenos Aires (o Cabildo) tentaram criar uma junta e remover o vice-rei Liniers do poder. Mas as milícias de Buenos Aires apoiaram Liniers e o movimento fracassou. No mesmo ano, duas juntas surgiram no Alto Peru (atual Bolívia), em Chuquisaca e La Paz. Ambas deixaram de obedecer às autoridades coloniais e à Espanha. Elas foram finalmente reprimidas por tropas enviadas pelos vice-reinados do Rio da Prata e do Peru.

A terceira alternativa era manter as coisas como estavam, com as autoridades coloniais no comando, agora obedecendo à Junta Central na Espanha. Essa opção prevaleceu, mas teria vida curta.

- F764

417. Retrato rio-pratense de Fernando VII

Os reis espanhóis estavam presentes nas colônias por meio de seus retratos, pois nenhum deles viajou para a América. A técnica de gravura permitiu que sua imagem se tornasse próxima e portátil.

Este retrato de Fernando VII foi pintado em Buenos Aires para a celebração de sua ascensão ao trono em 21 de agosto de 1808.

O autor da obra foi Juan de Dios de Rivera, um descendente da nobreza indígena do Peru, que desenharia mais tarde alguns dos símbolos da revolução do Rio da Prata.

—

Gravura de Juan de Dios Rivera, 1808

- F8109

418. Caixa de cigarros de Mariano Moreno com a inscrição “Viva o Rei Fernando VII”

O clima político dominante em Buenos Aires a partir de 1808 era de apoio a Fernando VII. Moreno, advogado do Cabildo, compartilhava essa posição.

Ele defendeu Martín de Álzaga, prefeito e herói da defesa de 1807 contra os britânicos, após seu fracassado levante de 1809 para substituir o vice-rei Liniers por uma junta, sob o grito “Viva Fernando VII, morra o mau governo”. Seu apoio ao rei também é visto nessa cigarreira. Mas logo depois, ele mudaria sua posição.

—

Estrutura de madeira coberta com marchetaria de palha

- F814 Rotação de F810

~~Retrato em miniatura de Juan Hipólito Vieytes~~

~~Vieytes participou dos reformadores de Buenos Aires, juntamente com Belgrano, Castelli e os irmãos Rodríguez Peña. Eles promoviam a circulação de jornais em Buenos Aires para divulgar projetos inspirados no Iluminismo.~~

~~Quando Napoleão invadiu a Espanha, esse setor buscou contato com a irmã de Fernando VII, Carlota Joaquina, para governar a América sob uma regência.~~

=

~~Aquarela sobre marfim / Simplicio Rodrigues de Sá, aprox. 1815~~

EIXO #2

419. “DE HOJE EM DIANTE, REVOLUÇÃO”. MAIO DE 1810

No início de 1810, o exército francês derrotou a resistência espanhola. A Junta Central de Sevilha foi dissolvida e quase toda a Espanha ficou nas mãos de Napoleão.

Quando a notícia do colapso chegou a Buenos Aires, um conselho aberto se reuniu para discutir o que fazer. Em uma votação, ficou decidido que, como não havia governo na Espanha, o vice-rei deveria deixar o cargo e ser substituído por uma junta local. O vice-rei tentou resistir e se tornar presidente da junta, mas em 25 de maio uma mobilização popular apoiada pelas milícias da cidade o forçou a renunciar. Nomeou-se uma junta na qual não havia funcionários coloniais.

O projeto daqueles que assumiram o poder era eleger suas autoridades, administrar sua economia e não mais depender da Espanha. Eles buscavam uma monarquia federal na qual americanos e europeus fossem iguais. Eles queriam se autogovernar até que Fernando VII recuperasse o trono, caso isso acontecesse, e depois manter essa autonomia sob a órbita do rei. Nas palavras de um revolucionário: “emancipar as colônias da tirania da mãe-pátria e preservá-las como um Estado grande e próspero para o representante legítimo da monarquia espanhola”.

- F786

420. Espada de Baltasar Hidalgo de Cisneros

Cisneros, um militar de destaque, foi nomeado vice-rei do Rio da Prata em 1809. Em uma situação econômica crítica, ele permitiu o livre comércio com estrangeiros para arrecadar fundos.

Em 18 de maio de 1810, Cisneros confirmou publicamente a notícia da queda da Espanha, que já estava circulando em Buenos Aires através de navios ingleses.

A lâmina contém uma gravura com o ano de 1787 e o punho está gravado com um leão.

—

Lâmina de aço de dois gumes e cabo de madeira de ébano com incrustações de marfim

- [F829](#)

421. Carimbo do bispo de Buenos Aires, Benito Lué y Riega

Os votos no conselho aberto de 22 de maio foram expressos publicamente. O primeiro a votar foi o bispo Lué, que o fez a favor da permanência do vice-rei no cargo. Lué argumentou que, enquanto houvesse um espanhol livre do domínio francês, a América lhe devia obediência. Outros membros da Igreja, por outro lado, votaram pela demissão do vice-rei.

Depois de 25 de maio, Lué não foi destituído do cargo, mas a Junta o desautorizou em suas funções.

—

Lavrado em bronze

- [F14398 / F14815](#)

422. Convites para o conselho aberto de 22 de maio de 1810

Mais de 400 vizinhos proeminentes foram convidados para o conselho aberto, todos homens brancos proprietários de terras, que eram espanhóis europeus ou hispano-americanos (crioulos).

251 pessoas compareceram; 162 votaram a favor do afastamento de Cisneros e 64 contra.

Estes convites são de Diego Agüero e Pedro Díaz de Vivar. Ambos desconfiavam do movimento contra o vice-rei e não foram ao Cabildo. Díaz de Vivar justificou seu não comparecimento “porque tinha chovido”. O comerciante Agüero usou o papel para fazer contas.

—

Papel impresso e manuscrito

- [F833](#)

423. Tinteiro de Mariano Moreno

Moreno concentrou as funções de secretário de governo e de guerra na Junta. Cada iniciativa passou por sua mão. Uma de suas medidas foi a criação de um jornal oficial: a Gazeta de Buenos-Ayres. Outra foi a criação de uma biblioteca. Ele também publicou sua própria tradução de *O Contrato Social*, de Rousseau.

Esse tinteiro em forma de planetário, que ele usava para seus escritos, tornou-se muito difundido durante o reinado de George III da Inglaterra.

—

Prata laminada lavrada com potes de vidro, Roberts, Cadman & Co, Sheffield, Inglaterra, aprox. 1810

- [F16202](#)

424. Petição popular

Na noite de 24 de maio de 1810, essa petição circulou por Buenos Aires. Ela exigia que o Cabildo, “em nome do povo”, formasse uma junta de nove membros e especificava os nomes daqueles que deviam integrá-la. Ela também exigia que uma expedição militar fosse enviada ao norte para o povo poder eleger representantes para a junta.

O documento continha 409 assinaturas. Ele foi apresentado em 25 de maio, acompanhado de uma mobilização. O Cabildo teve que aceitar tudo o que foi solicitado na petição.

425. Petição popular

As folhas têm carimbos indicando que foram feitas entre 1802 e 1803 e um carimbo do “reinado de Fernando VII”. Por esse tipo de papel carimbado, que era usado para negócios oficiais, a administração colonial cobrava impostos. As folhas foram feitas em Málaga, em Barcelona e em outros lugares.

Foram usadas tintas diferentes para as assinaturas, indicando que o documento circulou por diversas mãos.

426. Petição popular

As primeiras assinaturas que aparecem são as dos líderes das milícias formadas após as invasões britânicas. Seu apoio era decisivo, pois eles estavam no comando das forças armadas da cidade.

Ao lado das assinaturas de Antonio French e Domingo Beruti, agitadores de destaque naquela época, está escrito “por mim e em nome de seiscentos”. Eles se referiam a homens do “povão” e das milícias que não sabiam assinar. A maioria da população não podia fazê-lo porque era analfabeta. Poucas pessoas tinham acesso à educação.

427. Petição popular

Entre os signatários encontra-se um chefe indígena de Lima que tinha viajado para Buenos Aires para se reunir com o vice-rei e depois viajar para a Espanha. Em sua assinatura, ele usou a fórmula empregada pelas autoridades: “Eu, o cacique Dom José Minoyulle”. Em certas ocasiões, os líderes das comunidades indígenas que faziam parte do sistema colonial viajavam para as sedes do poder vice-real a fim de encaminhar suas demandas.

—

Papel vergê manuscrito e com carimbo. Uma cópia é exibida para fins de conservação.

428. Decisões e problemas da Junta

A Junta tomou duas medidas importantes assim que foi instalada. A primeira: convocar as principais cidades do Vice-Reino a se juntarem a ela.

A segunda foi transformar as milícias de Buenos Aires em um exército e enviar uma expedição militar para o norte para garantir o apoio à revolução e controlar a região estratégica de mineração do Alto Peru.

A maioria das cidades aceitou a Junta, mas Montevideú, Assunção, Córdoba e várias cidades do Alto Peru a rejeitaram. A expedição derrotou os contrarrevolucionários em Córdoba e capturou seu líder, Liniers, o herói das invasões inglesas. A Junta decidiu seu fuzilamento. Foi um passo definitivo: eles não podiam mais recuar. Mais tarde, o exército revolucionário obteve outra vitória e ocupou todo o Alto Peru.

Enquanto isso, duas tendências opostas surgiram na Junta: uma moderada em torno do Presidente Cornelio Saavedra e outra que queria mudanças maiores, liderada pelo Secretário Mariano Moreno. Ele

escreveu que amavam Fernando VII, mas que ele não tinha o direito de ser o seu rei porque, séculos antes, a Espanha tinha realizado a conquista pela força; os americanos não tinham dado seu consentimento para a dominação e a violência não dava direitos. Assim, Moreno já tinha a ideia de independência total.

Por esse motivo, Moreno queria convocar um congresso que pudesse tomar decisões soberanas, em vez de expandir a junta. Mas os representantes das outras cidades que chegaram a Buenos Aires escolheram a segunda opção. Eles se uniram e a Junta Grande foi formada. Descontente, Moreno renunciou.

429. Leve uma história com você

Vivências de uma criança

Insultos familiares

“Em minha família havia algumas pessoas do partido do rei, inimigos dos patriotas. Algumas de minhas primas estavam sempre me provocando e zombando de mim porque eu era um patriota, um malandro; elas diziam que todos os patriotas eram malandros. Eu não sabia como me vingar daqueles insultos e, como a assembleia do ano XIII estava prestes a se reunir e eu passava o dia inteiro ouvindo falar da assembleia, ameaçava minhas primas com a assembleia; isso foi pior para mim, porque elas começaram a me chamar, aos gritos: assembleia, assembleia.”

Manuel Pueyrredón, de quando estava com 8 anos. Em *Memorias inéditas del coronel Manuel A. Pueyrredón*.

Notícias na neblina

“Em 25 de maio de 1810, meu pai estava na praça com todos os seus amigos. Todas as portas e janelas estavam fechadas, não se via uma alma sequer nas ruas, o dia estava escuro, uma densa neblina cobria o

horizonte, a atmosfera daquele dia parecia anunciar o infortúnio. Dona Rita Dogan, minha avó, sentia medo dele, e seu cuidado era tão grande que durante todo o dia ela não se afastou da janela de sua casa, na rua Santo Domingo, mantendo-me inclinado para fora, como uma sentinela avançada, observando a praça.

Assim permanecemos até as quatro ou cinco horas da tarde, quando chegou um aviso ao meu pai anunciando o triunfo dos patriotas e a deposição do vice-rei. Depois que essa notícia circulou pela vizinhança, algumas janelas foram abertas; em uma delas, quase em frente à casa, Don Antonio Tejo se inclinou para fora e, dirigindo-se à minha avó, disse:

– O que você manda para a Espanha, minha senhora Dona Rita?

– Como assim, você vai para a Espanha, senhor Dom Antonio?

– respondeu ela.

– Vou, sim – respondeu – Eu vou me embora porque meus compatriotas enlouqueceram.

– Ah, [diferentes xingamentos]... – minha avó disse em voz baixa.”

–

Manuel Pueyrredón, de quando estava com 8 anos.

Em Memórias inéditas del coronel Manuel A. Pueyrredón.

430. Governos centrais da Revolução

1810

PRIMEIRA JUNTA / De maio de 1810 / 9 membros

JUNTA GRANDE / De dezembro de 1810 / 18 membros

1811

TRIUNVIRATO / De setembro de 1811 / 3 membros

1812

SEGUNDO TRIUNVIRATO / De outubro de 1812 / 3 membros

1814

DIRETÓRIO / De janeiro de 1814 / 1 membro

1815**1820**

QUEDA DO DIRETÓRIO / FEVEREIRO DE 1820

Congressos Constituintes**1813**

ASSEMBLEIA DO ANO XIII / De janeiro de 1813 até abril de 1815

1816

CONGRESSO DE TUCUMÁN* / De março de 1816 até fevereiro de 1820 / *

Passou a funcionar em Buenos Aires em 1817.

FINAL DOS GOVERNOS REVOLUCIONÁRIOS

- [F970](#)

431. Bastão de Gervasio Antonio de Posadas

A Assembleia do Ano XIII aboliu o Triunvirato para concentrar o poder executivo em uma única pessoa: o diretor supremo, equivalente ao que mais tarde se tornaria um presidente. Posadas foi o primeiro a ocupar o cargo, em janeiro de 1814. Durante seu mandato de um ano, ele nomeou San Martín governador de Cuyo, promoveu a criação de uma frota naval e enfrentou o nascente federalismo do Litoral. Ele renunciou ao cargo no início de 1815 sendo substituído por Alvear, seu sobrinho.

—

Cana indiana com cabo de marfim

432. ANOS DE CONFLITO

Em 1810, partidários e opositores da Junta iniciaram uma guerra civil. Os participantes eram os que já viviam na América, pois a Espanha não podia enviar reforços, já que estava lutando contra os franceses. Com o passar dos anos, o conflito se transformou em uma longa guerra pela independência. Foi uma disputa muito difícil, que devastou a economia e mudou a vida de toda a população.

No início, ambos os lados alegavam estar lutando pelo rei e pela pátria. Mas, em 1814, Fernando VII voltou ao trono e os revolucionários começaram a lutar abertamente contra ele. Os rivais começaram a se chamar “patriotas” e “realistas”. Quase todos os espanhóis eram realistas, mas também havia muitos americanos (crioulos) que lutaram pelo rei.

Entre 1810 e 1815, a guerra teve duas frentes principais. Uma delas foi no norte, onde os revolucionários fracassaram três vezes no controle do Alto Peru e, por sua vez, repeliram duas ofensivas realistas em Tucumán e Salta. A outra frente foi no Litoral, onde os combates ocorreram tanto em terra quanto nos rios. Lá também houve confrontos entre os revolucionários, quando os federalistas que apoiavam Artigas se opuseram ao governo central.

433. Manuel Belgrano

Belgrano abandonou sua carreira de destaque na burocracia colonial e tornou-se membro da Junta de 1810. Ele logo liderou uma pequena força militar que marchou para o Paraguai para tentar forçá-lo a aceitar o novo governo. Ele não teve sucesso: foi derrotado em 1811. Pouco depois, no entanto, o Paraguai desalojou suas autoridades coloniais e iniciou uma independência de fato, sem conexão com o restante dos revolucionários rio-platenses.

A derrota não deteve Belgrano quem, em 1812, em Rosário, criou uma bandeira para identificar os patriotas contra as cores espanholas. Nesse mesmo ano, ele chefiou o exército revolucionário que tinha ocupado o Alto Peru em 1810, mas que foi esmagado em 1811 e perdeu todo esse território.

Belgrano liderou a retirada do exército para o sul. Ele incentivou a população de Jujuy a migrar para não deixar nada ao alcance dos inimigos. E quando chegou a Tucumán, apesar de estar em inferioridade numérica, parou e lutou. Ele obteve uma vitória decisiva, que salvou a revolução.

Em seguida, ele venceu novamente na Batalha de Salta, após a qual liderou uma segunda ofensiva no Alto Peru. Após um avanço bem-sucedido, ele foi derrotado em duas batalhas, Vilcapugio e Ayohuma. Mais uma vez, os revolucionários perderam toda a região.

Em 1814, ele deixou o comando do exército e partiu para a Europa em uma missão diplomática. Ao retornar, ele se juntou novamente à guerra pela independência. Até sua morte, em 1820, ele se dedicou inteiramente à revolução.

- [F1034](#)

434. Retrato do general Manuel Belgrano

Belgrano mandou pintar esse retrato em 1815, em sua viagem diplomática à Europa. Em primeiro plano, ele é apresentado como um funcionário público, vestindo um terno civil elegante e um penteado moderno. No plano de fundo, ele aparece novamente, desta vez como um general comandando o combate no campo de Batalha de Salta, visível por uma janela.

Este retrato é uma cópia encomendada por este museu. O original, que está em Olavarría, foi pintado por François Casimir Carbonnier.

—
Óleo sobre tela / Sofía Posadas, 1941

- [F1062](#)

435. Cadeira de campanha do general Manuel Belgrano

Os oficiais espalhavam cadeiras, mesas e escrivaninhas em suas tendas. Belgrano escreveu uma carta a San Martín, em 1814, dizendo-lhe: “Desejo muito conversar com você de cadeira a cadeira para tomarmos as medidas mais adequadas”.

As hastes do encosto dessa cadeira estão levemente desgastadas, o que indica que ela foi usada. É provável que tenha sido fabricada na Inglaterra.

—
Cadeira de cedro dobrável

- [F1123](#)

436. Luneta do general Manuel Belgrano

A luneta era um instrumento fundamental tanto no planejamento de uma batalha quanto no dia da ação. Ela era usada para estudar o terreno, dispor as forças, espionar o inimigo e direcionar os movimentos. Graças à luneta, os comandantes podiam ser espectadores ativos e enviar mensageiros com ordens aos oficiais no campo de batalha.

—
Estrutura de cobre e madeira e ótica de vidro

- [F1425](#)

437. Brasão da Batalha de Tucumán

Este brasão para comemorar a vitória revolucionária crucial em Tucumán, em 24 de setembro de 1812, foi concedido a Rudecindo Alvarado, um tenente de voluntários da cavalaria de Salta. As insígnias foram entregues

aos oficiais e deveriam ser costuradas na manga esquerda de seus uniformes.

—

Tecido de lã com bordados em fios metálicos e de seda

- [F1122](#)

438. Pistola de Manuel Belgrano

Essa pistola de autodefesa, chamada de “cachorrinho”, era carregada no bolso, com um mecanismo de segurança para evitar que fosse ativada por conta própria. Nela está gravado “General M. J. Belgrano”. Supõe-se que tenha sido um presente do Cabildo de Buenos Aires.

A pólvora, um pedaço de pano e a bala eram colocados pela boca do cano. Tudo era compactado com a haste que está na parte inferior. Quando o gatilho era pressionado, criava-se uma faísca que inflamava a pólvora e provocava o disparo.

—

Madeira, metal ferroso, bronze e prata, aprox. 1814

- [F12787](#)

439. As cores da bandeira

A inspiração de Belgrano para as cores da bandeira não pode ser determinada. A explicação mais amplamente aceita é que ele as tirou da faixa com a qual a dinastia Bourbon era geralmente retratada. A faixa era um símbolo da Ordem de Carlos III, criada por esse rei em 1771 para recompensar as pessoas que se destacavam no serviço à coroa. A Ordem tirou as cores azul-claro e branco do manto de sua santa padroeira, a Imaculada Conceição de Maria.

440. Retrato do rei Fernando VII

Atualmente, os presidentes na Argentina usam uma faixa semelhante. Gravura em cobre, impressa e colorida à mão. É possível ver a faixa da Ordem de Carlos III.

—

Anônimo

441.

Esse museu tem em sua coleção uma das bandeiras usadas por Belgrano, conhecida como a “bandeira de Macha”.

Você pode vê-la na exposição Grandes Sucessos.

442. A guerra na água

Quando a revolução começou, Buenos Aires não tinha navios de guerra. Por outro lado, Montevideú, que se tornou uma base contrarrevolucionária, tinha um esquadrão. Os navios de Montevideú bombardearam Buenos Aires e atacaram as costas dos rios Paraná e Uruguai em várias ocasiões. Em 1811, a Junta criou um esquadrão para combatê-los, mas acabou sendo derrotada.

Em 1812, os revolucionários cercaram Montevideú, uma cidade murada. Como a cidade controlava os rios, sua resistência foi prolongada. O governo revolucionário criou então um novo esquadrão em 1814, composto por marinheiros de diferentes origens: ingleses, escoceses, franceses, americanos, gregos e sardos. O líder foi o irlandês William Brown.

Em maio de 1814, Brown obteve uma vitória decisiva sobre os navios realistas na costa de Montevideú. Também cercada por água, a cidade

teve que se render. Foi um triunfo fundamental, pois os realistas perderam sua base de operações na região.

Após o sucesso, os revolucionários decidiram desarmar a esquadra e conceder cartas de marca a seus navios. Um corsário tinha permissão para atacar navios mercantes inimigos e ficar com a maior parte do que capturasse. O restante ele entregava ao governo. Brown e outros corsários operaram no Oceano Pacífico. Em 1816, eles atacaram Callao (porto de Lima) e Guayaquil.

- [F5577](#)

443. Combate de Buceo 1814

Batalha naval de Buceo entre a esquadra comandada por Brown e a esquadra realista n.º 4.

—

litografia da coleção do museu. Anônimo

- [F5455](#)

444. Azopardo na prisão de Ceuta

O marinheiro maltês Juan Bautista Azopardo liderou o primeiro esquadrão revolucionário em 1811, que foi derrotado. Ele foi capturado e levado para Ceuta, uma cidade espanhola no norte da África. Em 1820, ele recuperou sua liberdade e retornou a Buenos Aires. Cinco anos depois, ele fez um relatório para a legislatura provincial, no qual descreveu o sofrimento que sofreu no cativeiro.

—

Desenho a lápis / Juan Bautista Azopardo

- [F5420](#)

444.1. Retrato do coronel da Marinha Hippolyte Bouchard

O marinheiro francês Bouchard foi membro do primeiro esquadrão revolucionário em 1811. Mais tarde, ele foi um dos granadeiros de San Martín e lutou na batalha de San Lorenzo em 1813. A partir de 1816, ele viajou pelos mares como corsário. A bordo do “La Argentina”, ele chegou ao Havaí, cujo rei foi o primeiro a reconhecer as Províncias Unidas. Em seguida, ele atacou os realistas nas costas da Califórnia, México e Nicarágua. Mais tarde, ele se juntou à expedição de libertação do Peru.

—

Óleo sobre tela / José Gil de Castro, 1819

- [F1964](#)

445. Fraque do Almirante William Brown

O irlandês Brown chegou a Buenos Aires a negócios em 1810; ele presenciou a Revolução de Maio e decidiu ficar na cidade. Em 1814, o diretor supremo Posadas o nomeou tenente-coronel e chefe da esquadra de Buenos Aires. Seu sucesso sobre o esquadrão realista o tornou um personagem muito popular.

—

Tecido de lã de raio com fios torcidos dourados

- [F260](#)

446. Estandarte realista do Regimento de Dragões de Carabayllo (Peru)

As forças de cavalaria na Espanha e nas colônias carregavam estandartes vermelhos. De um lado, exibiam o brasão da coroa real e, do outro, os símbolos que identificavam o regimento, bordados ou pintados. Capturar as insígnias inimigas era um dos objetivos durante as batalhas. Era costume enviá-las para as cidades para serem exibidas nas igrejas.

—

Seda, fios metálicos, *chenille* e lantejoulas

447. O artiguismo

Em 1811, a população rural da Banda Oriental (atual Uruguai) se levantou em armas a favor da Junta de Buenos Aires e contra Montevideú. Surgiu um líder dos revolucionários orientais: José Gervasio Artigas.

Os seguidores de Artigas começaram a questionar o centralismo da capital, Buenos Aires, onde sucessivos governos tomavam decisões sem consultar os demais. Os artiguistas propuseram declarar a independência e adotar um sistema federal. Por isso, quando enviaram deputados à Assembleia do Ano XIII, que era a favor do centralismo, eles não foram aceitos. O governo central declarou Artigas um traidor, e os revolucionários se dividiram em dois blocos rivais.

Em 1814, a Banda Oriental, Entre Ríos, Corrientes e Misiones deixaram de obedecer a Buenos Aires e formaram a Liga dos Povos Livres, uma confederação sem capital, cujo “protetor” era Artigas. Santa Fe se juntou a eles em 1815. As províncias da Liga derrotaram várias tentativas do governo central de subjugar-las.

Os artiguistas também lutaram por uma sociedade mais igualitária. Em 1815, começou a distribuição de terras na Banda Oriental para os mais desfavorecidos. Mas o projeto foi interrompido por uma invasão portuguesa do Brasil, que começou em 1816.

- [F995](#)

448. Chave de Montevideú

Em junho de 1814, Montevideú se rendeu aos revolucionários. Esta chave da cidade foi entregue pelo general realista Vigodet a Vicente Echevarría, que fazia parte da expedição comandada por Alvear.

As forças de Alvear fracassaram em sua tentativa de controlar o restante da Banda Oriental, onde o artiguismo era forte. Por fim, Alvear teve que

deixar a província e os homens de Artigas ocuparam Montevideu em 1815.

—

Ferro

- [F991](#)

449. Chave do Cabildo de Montevideu durante o domínio português

Em agosto de 1816, uma poderosa força portuguesa invadiu a Banda Oriental desde o Brasil e, em janeiro de 1817, tomou Montevideu. Vários membros da elite oriental apoiaram a invasão contra a “anarquia” que viam no artiguismo. O diretor Pueyrredón prometeu ajuda em troca da aceitação de sua autoridade por parte de Artigas, o que não aconteceu. Então, ele aceitou a ocupação da Banda Oriental e atacou os artiguistas em Entre Ríos e Santa Fe, mas fracassou.

—

Prata

- [INV 5063](#)

450. A independência em terra firme

Em 1816, esta tradução de vários dos escritos de Paine, que tinham sido muito influentes na justificativa da independência americana, era vendida em Buenos Aires.

Artigas enviou uma cópia para Andresito dizendo: “eu o encaminho para este trabalho sobre a Revolução Norte-Americana. Nele, você verá o quanto eles trabalharam e se sacrificaram até alcançarem o sistema que defendemos”, republicano e federal.

—

TRADUÇÃO E SELEÇÃO POR MANUEL GARCÍA DE SENA, IMPRENSA DE TYJ PALMER, FILADÉLFIA, 1811

- [F9605](#)

451. Retrato de um soldado

Santiago del Sar foi um dos soldados negros que participaram da tomada de Montevideu em 1814. Muitas décadas depois, quando a fotografia surgiu, alguns guerreiros antigos foram retratados.

Del Sar aparece no censo de Buenos Aires de 1855 com 66 anos, nascido em Buenos Aires, barqueiro de profissão e proprietário de um “rancho de palha”. No censo de 1869, ele está no mesmo endereço, com 79 anos, e agora é sapateiro. Mas figura a África como lugar de nascimento.

—

Albumina, Estúdio Cella e Guerra, Buenos Aires

- [F8145](#)

452. Soldados da margem leste do Rio da Prata

Os artiguistas lutaram pelo acesso à terra e para garantir os direitos de uso de recursos como a pastagem, a água ou a lenha, como era de costume. Suas posições igualitárias preocupavam os poderosos. Em 1815, Artigas dividiu as terras inimigas entre “os negros livres, os zambos dessa classe, os índios e os crioulos pobres”.

—

Gravura de Nasi, 1821, baseado na obra de Emeric Essex Vidal, 1817

- [F1818](#)

453. José Gervasio Artigas

Esse é o único retrato feito de Artigas durante sua vida. Na época, ele tinha 83 anos e estava exilado no Paraguai fazia 27 anos.

Ele foi derrotado pelos portugueses em 1820 e teve que abandonar a Banda Oriental. Seu antigo tenente de Entre Ríos, Francisco Ramírez,

voltou-se contra ele e o derrotou. Artigas foi para o exílio, do qual nunca mais voltou.

—

Desenho de Alfredo Demersay, 1847 / Litografia de Sauvageot Willems, 1860

454. A revolução guarani

Após a expulsão dos jesuítas, as trinta aldeias guaranis que tinham sido missões foram separadas: oito no Paraguai, sete no Brasil português e quinze dependendo de Buenos Aires. Estas últimas apoiaram a revolução em 1810. Mais tarde, várias delas se juntaram aos artiguistas.

Os guaranis exigiam outro lugar na sociedade. O cacique Domingo Manduré rompeu relações com o governo central e, em 1813, proclamou: “irmãos, sabemos que Deus nos dotou de liberdade quando nos criou, e sabemos que somos iguais perante ele e perante a lei”. Todo o sistema colonial baseava-se na ideia de que os povos indígenas eram inferiores aos espanhóis e seus descendentes e, portanto, esse discurso era muito revolucionário para a época.

Em 1815, o líder guarani Andresito Guacurarí, afilhado de Artigas, liderou o projeto de reunificação da antiga província jesuíta. Dessa vez, seria sem jesuítas ou qualquer outro controle externo, apenas o autogoverno indígena. Andresito disse: “que cada povo se governe a si mesmo, sem que nenhum outro espanhol, português ou qualquer outra pessoa de outra província se atreva a governar”. Após anos de luta, Andresito foi finalmente derrotado pela invasão portuguesa que começou em 1816.

- [F7169](#)

455. Mão esculpida

Não há imagens remanescentes de líderes guaranis ou povos missionários nos anos revolucionários. Há muitas peças valiosas do período anterior, quando os jesuítas controlavam a região. Nas missões, os povos indígenas trabalhavam em oficinas de artesanato, onde eram produzidas imagens religiosas e esculturas em madeira, como esta mão.

—

Madeira de cedro, século XVIII

Eixo # 4

456. A ASSEMBLEIA DO ANO XIII

Em outubro de 1812, um novo grupo político revolucionário assumiu o poder: a Loja Lautaro. Seu plano era declarar a independência das Províncias Unidas do Rio da Prata e promulgar uma constituição. Para isso, seu governo, o Segundo Triunvirato, convocou deputados provinciais para um congresso em Buenos Aires. Ele ficou conhecido como a Assembleia e começou a se reunir em janeiro de 1813.

A Assembleia atacou marcas da sociedade hierárquica colonial. Ela pôs fim ao serviço pessoal dos indígenas, sancionou a Lei de Ventre Livre para as escravas, proibiu a tortura, anulou os títulos de nobreza e a Inquisição. Ela abandonou os emblemas da monarquia espanhola e criou novos símbolos.

O entusiasmo inicial esfriou com o passar dos meses. Uma notícia que parecia impossível pouco tempo antes foi recebida: Napoleão fora derrotado por uma aliança de monarquias europeias, inimigas de qualquer revolução. Em 1814, Fernando VII recuperou o trono espanhol.

Ao mesmo tempo, o governo centralista da Loja gerou oposição nas províncias. Um projeto revolucionário federal alternativo surgiu no Litoral, que acabou rompendo com o governo central. Diante das dificuldades, a Assembleia não declarou a independência.

457. A Loja Lautaro

Em março de 1812, um grupo de oficiais que tinha lutado nas guerras napoleônicas chegou a Buenos Aires. Eles eram bem versados nas mais recentes táticas e técnicas militares e ofereceram seus serviços à revolução. O governo central da época, o Triunvirato, incorporou-os às suas forças. Entre eles, destacavam-se Carlos de Alvear e José de San Martín, que tinham lutado contra os franceses no exército espanhol.

Os recém-chegados também formavam uma organização política secreta de estilo maçônico: a Loja Lautaro. O nome remetia a um chefe mapuche que lutou contra os espanhóis no século XVI. O objetivo da Loja era deixar o autogoverno no contexto da monarquia defendida pelo Triunvirato e, em vez disso, declarar a independência. Além disso, pretendiam relançar a guerra para expulsar os espanhóis das Américas.

Esse projeto era compartilhado pela Sociedade Patriótica, liderada por Bernardo de Monteagudo, que seguia as ideias do falecido Moreno. Os dois grupos se fundiram na Loja, derrubaram o Triunvirato e instalaram um novo controlado por eles, que convocou a Assembleia. Mais tarde, eles concentraram o poder em uma única pessoa, o diretor supremo.

- [F2027](#)

458. Sabre de Carlos de Alvear

Alvear tornou-se o principal líder da Loja Lautaro. Ele liderou o exército que obteve um grande sucesso: a rendição de Montevideu em junho de 1814. Depois, ele tentou derrotar Artigas e seus seguidores no Litoral,

mas não conseguiu. Em janeiro de 1815, ele foi nomeado diretor supremo, mas durou apenas alguns meses no cargo. Seu estilo autoritário e a crise geral que se desenvolvia levaram a uma revolta que forçou sua queda.

—

Lâmina de aço, levemente dobrada. Cabo de madeira revestido com pele de tubarão ou de arraia

- [Carimbo 1944:4638](#)

459. Regulamento para a educação e o exercício dos homens libertos, 6 de março de 1813

A lei de ventre livre das mulheres escravizadas aprovada pela Assembleia significou que aquelas crianças nascidas após 31 de janeiro de 1813 ficariam livres. No entanto, quando a lei foi regulamentada um mês após sua promulgação, o termo foi alterado: as crianças não seriam livres, mas libertas. Isso significava que eles tinham que ficar na casa dos patrões de suas mães e servi-los gratuitamente até os 15 anos, para compensar os custos de sua manutenção.

—

Papel manuscrito

- [F14650](#)

460. A Marcha Patriótica

Em 11 de maio de 1813, a Assembleia decretou que a canção composta por Vicente López (letra) e Blas Parera (música) deveria ser “nas Províncias Unidas a única Marcha Patriótica”. A letra celebrava a liberdade e a igualdade e mencionava os vários pontos da guerra americana: México, Caracas, Quito, o Alto Peru, juntamente com as batalhas vencidas pelas Províncias Unidas. Uma versão reduzida e com novos arranjos é o hino nacional de hoje.

—

Produzido na Imprensa de los Niños Expósitos

- F3053

461. Brasão da Assembleia do Ano XIII

Este novo brasão revolucionário foi pintado por cima do outro brasão, o do rei Carlos III. Com uma fotografia infravermelha, é possível ver o registro anterior por baixo.

Os símbolos parecem ter sido retirados do emblema de um grupo político da Revolução Francesa, exceto pelo modelo do sol, que a Assembleia fez no estilo americano.

O desenho apresenta duas mãos segurando um gorro da liberdade em uma lança ou pique, simbolizando a união das províncias e sua determinação para se defenderem. O gorro também é uma declaração de republicanismo.

A sigla que pode ser lida ao redor pode se referir à abreviação da Assembleia Geral Constituinte das Províncias Unidas do Rio da Prata ou à Administração Geral de Correios, ao ser lá que o brasão foi encontrado.

—

Pintura a óleo sobre chapa de cobre /

462. O gorro da liberdade

Os rio-pratenses adotaram da Revolução Francesa um símbolo poderoso: o “gorro da liberdade”. Ele mobilizava os patriotas e era odiado pelos realistas.

Suas origens remontam à Antiguidade. Em Roma, um gorro chamado de píleo era dado aos escravos que eram libertados e seria considerado um símbolo de liberdade na Europa mesmo após a queda do Império Romano. Havia também um boné anterior usado pelos gregos para

representar os habitantes da Frígia (na atual Turquia). Esse gorro frígio, um símbolo de estrangeirismo e não de liberdade, era frequentemente representado na cabeça de cativos. É possível que a associação dos dois barretes com a escravidão, juntamente com a semelhança entre eles, tenha feito com que, na Revolução Francesa, o gorro da liberdade pudesse ser chamado de gorro frígio.

Embora já tivesse aparecido durante a Revolução Americana na década de 1770, foi a França que catapultou o símbolo internacionalmente alguns anos depois, acrescentando sua cor vermelha característica. Ele também se tornou um símbolo da república, contra a monarquia.

- [F2076](#)

463. Brasão da Batalha de Salta

O brasão de ouro tem uma espada segurando um gorro da liberdade. E diz “A pátria para os vencedores de Salta”.

A Assembleia do Ano XIII deu um brasão de ouro ao alto comando do exército, um de prata aos sargentos e um de tecido aos soldados para comemorar a importante vitória dos revolucionários na Batalha de Salta, em 20 de fevereiro de 1813. Este foi entregue ao coronel Jorge Velazco.

—

Ouro

- [F1108](#)

464. Brasão de Vilcapugio

Duas baionetas perfuram um gorro da liberdade para comemorar um triunfo contrarrevolucionário. Em 1º de outubro de 1813, o Exército Auxiliar do Peru, sob o comando de Belgrano, sofreu uma grande derrota em Vilcapugio. Os oficiais vencedores receberam este escudo. Diz: “A afronta de Tucumán e Salta foi lavada nas planícies de Vilcapugio”, em

referência às duas batalhas que Belgrano havia vencido alguns meses antes.

—

Tecido bordado em fios de seda

- [F2076](#)

465. Brasão da Batalha de Salta

—

Ouro

- [F1108](#)

466. Brasão de Vilcapugio

—

Tecido bordado em fios de seda

- [F4730](#)

467. Brasão da Batalha de Salta

Escudo com um sabre segurando um gorro da liberdade. Ele foi oferecido aos sargentos pela Assembleia do Ano XIII em virtude da vitória dos revolucionários na Batalha de Salta.

—

Prata

- [F3097](#)

468. Brasão do 8º Regimento

Um gorro de liberdade é segurado por duas mãos. Essa é a imagem escolhida para esse brasão criado em Tucumán em dezembro de 1812 para o regimento número 8 do Exército Auxiliar do Peru, também conhecido como Exército do Norte.

—

Cobre

- [F14652](#)

469. Moeda de 1813

—

Prata

470. O sol

A imagem do sol foi amplamente difundida nos novos emblemas criados pelas revoluções americanas. Por um lado, representava a renovação social e política após as trevas da tirania. Ele já tinha sido usado dessa forma na Revolução Francesa.

Mas para aqueles que viviam na América do Sul, a imagem também se referia ao Império Inca e sua divindade solar, Inti. Assim, o sol dos revolucionários tinha, ao mesmo tempo, um sentido americanista, ligando a nova realidade a um passado glorioso.

A Assembleia do Ano XIII o colocou em diferentes símbolos. E, em 1818, foi acrescentado à bandeira azul e branca criada por Belgrano.

Monteagudo diria mais tarde que o sol era “a expressão histórica do país dos Incas”.

- [F200](#)

471. Medalha concedida aos indígenas que lutavam pela revolução

Essa medalha é um prêmio patriótico pelo desempenho dos povos indígenas na guerra. “Naturais” era uma das formas de nomear os “índios”, enquanto “beneméritos” era como os conquistadores espanhóis se autodenominavam no século XVI; significava “merecedores de honras”.

O fato de o termo “benemérito” ter sido atribuído aos “naturais” implicou, por isso, uma ressignificação do termo.

—

Prata

- [F7183](#)

472. Sol das Províncias Unidas

—

Placa de prata gravada e em relevo representando o sol, 1812

- [F14651](#)

473. Moeda de 1813

A Assembleia do Ano XIII determinou a cunhagem de moedas em Potosí, as quais ostentariam os novos símbolos revolucionários. Em um dos lados está o brasão de armas, com a frase “Em união e liberdade” ao redor. Do outro lado, um grande sol radiante e, ao redor dele, está escrito “Províncias Unidas do Rio da Prata”. Estas são moedas de oito réis.

- [F200](#)

474. Medalha concedida aos indígenas que lutavam pela revolução

—

Prata

475. Uma América Indígena

Os líderes revolucionários, em sua maioria pessoas brancas de ascendência europeia, reivindicaram o passado indígena da América como seu. Em 25 de maio de 1811, Juan José Castelli comemorou o aniversário da revolução reunindo vários grupos indígenas nas ruínas de Tiahuanaco para transmitir-lhes uma mensagem igualitária. No mesmo dia, houve uma festa em Buenos Aires, na qual um monarca indígena

“carregando grilhões e correntes” foi representado sendo libertado. Em 1813, Salta mudou seu brasão de armas: a imagem de um espanhol resistindo a um índio hostil foi substituída pela de um índio disparando uma flecha contra um espanhol derrotado.

O passado inca foi especialmente celebrado. A Marcha Patriótica dizia em 1813: “Os túmulos do Inca se comovem e em seus ossos revive o ardor, ao ver seus filhos da pátria renovarem o antigo esplendor”. Os espanhóis enviados contra as revoluções americanas desde 1815 foram chamados de “Pizarros modernos”, em alusão ao conquistador do Peru. Em 1816, Belgrano propôs que as Províncias Unidas deveriam ser uma monarquia constitucional com um rei descendente dos incas, uma proposta que ganhou o apoio de muitos.

Os revolucionários tomaram medidas para promover a equiparação jurídica dos povos indígenas que viviam no antigo vice-reinado. Também foi abolido o tributo que eles eram obrigados a pagar ao rei. Mas a medida significou que os povos ficaram sem direitos sobre as terras comunais que usavam para pagar o tributo e, como não tinham recursos para comprá-las, perderam-nas.

- [F7962](#)

476. Ilustração do livro *Comentários Reais dos Incas*

Em 1609, o Inca Garcilaso, filho de um conquistador espanhol e de uma princesa inca, publicou na Europa uma história do império inca, que ele considerava um exemplo de bom governo. O autor propunha uma integração entre espanhóis e indígenas.

Mais tarde, a nobreza indígena no Peru do século XVIII encontrou em Garcilaso um apoio para sua identidade. Tupac Amaru II o lia e, quando sua rebelião foi reprimida, o livro foi proibido por ser a fonte “onde esses naturais aprenderam muitos erros prejudiciais”. Mas os revolucionários

crioulos resgataram o trabalho de Garcilaso. Em 1814, por iniciativa de San Martín, foi aberta em Córdoba uma assinatura para reimprimi-lo e, assim, ajudar a conhecer o passado americano.

Esta ampliação é de uma gravura de uma edição do livro de 1737: O primeiro Inca Manco Capac e a Rainha Coya Mama Ocllo, o mítico casal fundador do império Inca. Eles aparecem vestidos e reunindo indígenas “selvagens” nus, a quem indicam a construção de Cuzco, a futura capital.

—

Desenho de Debrie gravado em placa de cobre por Folkema. Impresso em Amsterdã

- [F1142](#)

477. Canhão Atahualpa

Este canhão foi fabricado em Buenos Aires entre 1815 e 1816. Recebeu o nome de Atahualpa em homenagem ao último imperador inca. A reivindicação desse passado criava uma nova identidade americana e também buscava o apoio da população indígena, que era a maioria no Alto Peru.

Os primeiros canhões construídos alguns anos antes já tinham o nome de Túpac Amaru e Mangoré, um cacique lendário que, no século XVI, liderou um ataque contra o primeiro forte espanhol no rio Paraná, Sancti Spiritu.

—

De bronze com carregamento pela boca

Você pode ver o canhão Atahualpa nesse mesmo museu, no Pátio dos Canhões.

- [F16654](#), [F17205](#), [F16472](#)

478. Objetos inca e tiahuanaco

Os líderes revolucionários não sabiam que havia grandes culturas indígenas antes do império Inca, como a Tiahuanaco. Quando Castelli comemorou, em 25 de maio de 1811, nas ruínas de Tiahuanaco, ele pensou que se tratava de um local inca. E as representações dos povos indígenas que eles usavam vinham do período colonial; eles não costumavam usar formas nem motivos da arte pré-hispânica.

Estatueta de metal e vaso de cerâmica pintada (inca)

—

Kero (vaso cerimonial) de cerâmica pintada (tiahuanaco)

- [F1066](#)

479. A tarja de Potosí

Os revolucionários rio-pratenses tomaram algumas medidas em favor das comunidades indígenas, como a abolição do tributo, da organização da força de trabalho conhecida como *mita* e do serviço pessoal. Eles também propagaram um discurso igualitário, quebrando o princípio da desigualdade jurídica entre espanhóis e indígenas que sustentava o sistema colonial. Muitos crioulos de ascendência espanhola agora reivindicavam o passado indígena como parte de sua identidade americana. Isso ficou evidente na campanha de Belgrano no Alto Peru (atual Bolívia).

Belgrano entrou em Potosí em junho de 1813. Várias senhoras patriotas dessa importante cidade mineira lhe deram essa notável criação em prata e ouro conhecida como a Tarja de Potosí. Ele celebra a liberdade, a união americana e sua tradição indígena.

Belgrano enviou a Tarja a Buenos Aires, acompanhada de uma lista das 77 deputadas que o distinguiram. Devido ao seu tamanho, ela viajou em

partes sendo montada na capital pelo ourives alto-peruano Juan de Dios Rivera.

—

Ouro e prata

—

1. Na parte superior, há um indígena que dá um passo à frente. Ele é retratado como era costume na Europa, com o torso nu e adornado com penas. Ele segura uma lança coroada com o gorro da liberdade. Ele simboliza que a América está começando uma nova era.
2. Inscrição. “Sua humanidade, sua virtude, sua firmeza, sua constância, sua coragem e sua arrogância dão ao Peru a quietude.”
3. Uma figura descalça, símbolo da liberdade, propõe-se a quebrar as correntes da dominação.
4. Inscrição. “A vitória alcançada em Salta é um bom aviso de que somente seu braço forte nos dá liberdade e vida”
5. Dois navios dourados navegam pelos oceanos que cercam a América, o Atlântico e o Pacífico.
6. No centro está o contorno da América do Sul (incluindo as Ilhas Malvinas) e da América Central. As identidades nacionais ainda não existiam; o objetivo era a independência de toda a América. Pátria era a cidade ou a área onde alguém tinha nascido e, depois, uma invocação de algo superior, sem limites territoriais fixos.
7. Inscrição. “Este solo americano coloca toda a esperança de restaurar sua bonança somente em suas mãos, Belgrano”
8. Medalha em homenagem à Batalha de Salta. “Liberdade das Províncias Unidas do Rio da Prata”. Potosí era considerado parte desse conjunto.
9. Medalha em homenagem à Batalha de Tucumán. “Tucumán, o túmulo da tirania”

10. Inscrição. “Essa ação gloriosa conquistada em Tucumán é de sua aguerrida espada um novo selo e brasão”
11. Acredita-se que o brasão possa representar Belgrano e o Rio da Prata em união com Potosí.
12. Inscrição. “Hoje a América do Sul lhe oferece com toda a sua alma, nesta coroa e palma, as homenagens de seu amor”
13. A Tarja tem um efeito sonoro. Sua terminação é um sino em forma de borla que se assemelha a uma cachoeira. O tilintar metálico contém o som das marteladas na prata.
14. Um sol inca se ergue sobre a América do Sul. Acima do mapa também está a famosa montanha do Cerro Rico de Potosí, cuja prata abasteceu a Europa por muito tempo.

—

Acredita-se que o brasão possa representar Belgrano e o Rio da Prata em união com Potosí.

—

“As constantes potosinas Que fiéis permaneceram Na defesa do partido De vossas armas triunfantes Vendo quão interessantes São seus triunfos e vitórias Desejam que nas novas glórias Ó, Belgrano! Previna-se pela pátria e guarde de seu amor estas lembranças”. Várias potosinas estão representadas em diferentes lugares na tarja.

“A Pátria + MA”. É possível ser o monograma de Maria Auxiliadora.

480. UMA SOCIEDADE EM REVOLUÇÃO

A revolução trouxe muitas mudanças. Começou com uma luta pela autonomia e se radicalizou para procurar a independência absoluta. Também colocou em questão quem seria o líder e por quê. Muitos

revolucionários passaram da luta contra o rei para a luta contra a monarquia como sistema, a fim de instalar uma república.

O monopólio espanhol terminou e o livre comércio foi aberto. Grandes comerciantes perderam suas fortunas. Outros foram forçados pelos governos a financiar o esforço de guerra.

Os oficiais do exército e da milícia tornaram-se figuras centrais e potenciais líderes políticos. Eles faziam parte de um fenômeno mais amplo: vários homens das classes elevadas formaram uma nova liderança política. Dizia-se que eles haviam entrado na “corrida da revolução”. Também as mulheres da elite intervieram na política.

Mas a revolução envolveu toda a sociedade. Homens e mulheres das classes populares desempenharam um papel político de destaque na cidade de Buenos Aires, na Banda Oriental e em Entre Ríos, Misiones, Salta e Jujuy. Eles se mobilizaram não somente por mais liberdade, mas também por igualdade social e racial.

- [F428](#)

481. Retrato de José Ildefonso de las Muñecas

Muñecas foi um sacerdote revolucionário e líder guerrilheiro. Ele nasceu em Tucumán e tornou-se reitor da catedral de Cusco. Apoiou a fracassada junta de La Paz em 1809 e, em 1814, se uniu à rebelião de Cusco, esmagada pelos realistas. Mais tarde, ele liderou uma das guerrilhas revolucionárias no Alto Peru, a de Larecaja, perto de La Paz, mas foi derrotado em 1816. Enquanto estava sendo levado como prisioneiro para Lima, foi assassinado sob a alegação de que iria fugir.

—

Óleo sobre tela / Anônimo

- [F958 / F971](#)

482. Bastão de Pedro Ignacio de Castro Barros |**Sino do oratório privado de Fray Justo Santa María de Oro**

Oro e Castro Barros aderiram à revolução desde o início. Eles foram deputados no Congresso de Tucumán, Oro por San Juan e Castro Barros por La Rioja (que ele já havia representado na Assembleia do Ano XIII). Ambos desempenharam um papel de destaque no Congresso e estiveram entre os onze sacerdotes que declararam a independência. Castro Barros apoiou a criação de uma monarquia constitucional com um rei descendente dos incas, mas Oro se opôs e disse que o povo deveria ser consultado primeiro.

—

Madeira polida com punho de prata | Bronze, lavrada

- [M90](#)

483. Folha de serviço do soldado José Pérez

É difícil reconstruir a vida da maioria dos que lutaram na guerra. Em geral, eles eram analfabetos e não deixaram testemunhos escritos.

Documentos como este permitem saber algo sobre eles: é descrito um soldado chileno que entrou como parte do exército de San Martín depois da Travessia dos Andes. Ele é marcado como “trigueiro”, cor de trigo, uma categoria que era amplamente usada, assim como “negro”, “pardo” e “branco”. Ele não sabia escrever e, por isso, fez o sinal da cruz como assinatura.

—

Documento manuscrito, 1818

- [F6513](#)

484. Baioneta

A maioria dos soldados provinha das classes populares. Alguns eram voluntários, outros foram recrutados à força para o exército.

Os soldados rasos usavam a baioneta para o combate corpo a corpo e para desacelerar a cavalaria. A baioneta é uma arma branca que se prende à extremidade do cano do fuzil. Isso foi encontrado em uma escavação arqueológica onde ficava o quartel de Patricios, em Buenos Aires.

—

De ferro com base plana e ponta arredondada. Bainha de couro com um gancho de ferro

- [F6715](#)

485. Trarilonko ou bandana mapuche

Os ourives mapuches faziam joias de prata que os caciques, suas esposas e cavalos usavam para exibir seu prestígio. O *trarilonko* era usado pelas mulheres na cabeça para prender o cabelo.

—

Cadeia com discos polidos pendurados em metal branco

486. As mulheres

As mulheres desempenharam um papel fundamental nos anos revolucionários. Elas intervieram em mobilizações políticas, discutiram abertamente assuntos públicos, espionaram, marcharam com os exércitos como assistentes e, em alguns casos, até combateram. Algumas delas, de alta posição social, organizaram encontros que se tornaram fundamentais para a vida política.

Houve homens que se preocuparam com essas ações contrárias ao lugar subordinado reservado ao mundo feminino. Em 1813, um deles chegou a publicar um panfleto anônimo em Buenos Aires denunciando como “escandalosa a maneira livre com que um número não desprezível de jovens mulheres patricias se expressa nos negócios políticos” e solicitando punição. Apesar dos protestos dos homens, a participação das mulheres continuou.

487. Os sacerdotes

Os membros da Igreja no Vice-Reino do Rio da Prata estavam divididos em relação à revolução. Muitos sacerdotes a apoiaram, e alguns deles se tornaram personalidades políticas marcantes.

Ambos os lados alegaram defender a religião e colocaram-na ao serviço de suas respectivas posições. Belgrano nomeou a Nossa Senhora das Mercês como gere de seu exército no Norte, e San Martín fez o mesmo com a Nossa Senhora do Carmo no Exército dos Andes. Os realistas fizeram o mesmo com outras.

Os sacerdotes revolucionários usaram seus sermões para defender a causa pela qual estavam lutando. Eles usaram exemplos do Antigo Testamento para justificar o rompimento com a Espanha. Por exemplo, o povo de Israel que estava saindo do Egito no Êxodo foi identificado com os americanos que lutaram contra o despotismo espanhol.

488. O “povo simples”

A participação das classes populares foi decisiva para o lado revolucionário. Plebeus urbanos e camponeses rurais, homens e mulheres, mobilizaram-se contra diferentes governos, denunciaram inimigos, discutiram assuntos públicos nos mercados e nas pulperias.

Como eram, em sua maioria, analfabetos, era comum que alguém lesse um jornal em voz alta para que todos soubessem das notícias.

Eles também forneceram os soldados que lutaram na guerra. A vida era difícil tanto para os homens que foram combater quanto para as mulheres que tiveram de fazer face às complicações da partida de seus maridos e filhos para lugares muitas vezes distantes. A identificação de muitos membros do povo simples com a revolução deu-lhes uma equiparação simbólica: por apoiarem a causa da Pátria, eles “valiam” mais do que aqueles que se opunham, mesmo que estes últimos tivessem uma posição social mais elevada. Além disso, a revolução acabou com o sistema de castas: as diferenças baseadas na cor da pele continuaram de fato, mas não mais pela lei.

De qualquer forma, as esperanças de mais mudanças não se concretizaram e, após anos de luta, a frustração era grande.

489. Os indígenas soberanos

Os povos indígenas do Chaco e da Pampa-Patagônia, que mantinham sua soberania, cultos religiosos e idiomas, também foram afetados pela revolução. Os tratados com as autoridades coloniais que haviam garantido a paz na última parte do século XVIII foram rompidos. O comércio continuou, mas em alguns lugares começaram a ocorrer conflitos de fronteira e confrontos entre diferentes grupos indígenas.

Alguns grupos do Chaco e do Pampa se aliaram aos artiguistas para determinadas ações em comum. No mundo mapuche, houve grupos no final da década de 1810 que lutaram pelos revolucionários e outros que lutaram pelos realistas.

490. As pessoas escravizadas

Os líderes revolucionários quiseram pôr fim à escravidão gradualmente, sem afetar aqueles que tinham escravos. Em 1812, eles proibiram o tráfico: quem chegasse em um navio negreiro se tornaria livre ao entrar nas Províncias Unidas. O decreto da liberdade de ventres de 1813 promoveu a ideia de que, sem mais comércio ou herança, a escravidão desapareceria quando a última pessoa sujeita a ela morresse.

Essas medidas deram à revolução um forte apoio das pessoas escravizadas. Mas seu objetivo principal era diferente: elas queriam a sua libertação imediata e pressionaram por ela de várias maneiras.

Os homens tiveram uma chance: se eles se tornassem soldados, eles se tornariam livres, o que significava que ganhariam a liberdade quando o conflito terminasse. Muitos pressionaram seus senhores a doá-los ou vendê-los ao Estado para que entrassem em combate. Os líderes revolucionários hesitaram no início, mas, diante da necessidade de homens, acabaram “resgatando” muitos escravizados para a guerra.

A escravidão foi bastante enfraquecida pela revolução, mas sobreviveu por mais algumas décadas.

491. Uma literatura revolucionária

Com a revolução, nasceu um gênero literário, mais tarde chamado de gauchesco. Alguns poetas, como o oriental Bartolomé Hidalgo, usaram a voz dos camponeses para trazer o tom da cultura rural para o papel. Seus versos não eram consumidos somente pela minoria que sabia ler, mas também circulavam no mundo popular.

Além de pegar sua linguagem, a gauchesca colocou os camponeses como protagonistas, atores históricos centrais. E ela expressou ideias políticas fortes. Isso fica claro em versos notáveis de Hidalgo, como sua

defesa do republicanismo: “não são necessários reis para governar os homens, mas boas leis.” E o igualitarismo: “por que nada mais do que nada teria que ser superior?”.

- F4997

492. Gaúchos em uma fazenda

Na época da revolução, a maioria da população do Rio da Prata vivia em áreas rurais. Muitos viviam em pequenas fazendas onde cultivavam produtos agrícolas e criavam animais. Sazonalmente, os homens podiam ser empregados em uma fazenda para complementar sua renda. As mulheres eram responsáveis pela cozinha e pelo cuidado das crianças, mas também estavam ativamente envolvidas em outros trabalhos produtivos.

—

Gravura colorida ao *pochoir* / Cópia da aquarela de Emeric Essex Vidal, 1818

- F4994

493. O Cabildo visto do arco da Recova

Dois camponeses dos subúrbios de Buenos Aires passam em frente à Recova, que dividia a atual Praça de Maio. Eles usam o poncho, a vestimenta popular por excelência. **Por detrás** estão o Cabildo e a pirâmide construída em 1811 para comemorar o primeiro aniversário da revolução.

—

Gravura colorida ao *pochoir* de Jean Sauté, Buenos Aires, 1819 / Cópia da aquarela de Emeric Essex Vidal, 1817

- F8111

494. Indiani Pampa

Os indígenas costumavam ir a Buenos Aires para comercializar penas de avestruz, ponchos e outros produtos. Na imagem, eles estão na porta de uma loja no chamado “mercado indiano”, localizado na Praça Lorea. O autor da obra os chama de “pampas”, unificando os povos mapuche-tehuelches sob esse nome.

—

Gravura de Nasi, 1821 / Baseado na obra de Emeric Essex Vidal, 1817

- [F4995](#)

495. O mercado

30% da população de Buenos Aires em 1810 era de origem africana, em sua maioria pessoas escravizadas. Uma delas é vista aqui no mercado que estava localizado no lado leste do que hoje é a Praça de Maio. A obra pertence a Vidal, um viajante inglês que criou as poucas imagens que existem de Buenos Aires naquela década.

—

Gravura em cores / Desenho de Emeric Essex Vidal e gravura de D. Havell

- [F4633](#)

496. Martina Warnes de Unquera

Ela nasceu em Buenos Aires em 1781 e se casou com Baltasar Unquera, um marinheiro espanhol que se destacou na luta contra a segunda invasão inglesa.

Martina apoiou a revolução, assim como seus irmãos, que participaram da guerra. Para apoiar a causa, ela doou um óculo de qualidade e cinquenta pesos fortes para os exércitos revolucionários.

—

Aquarela sobre marfim / Anônimo

- F4633

497. Guadalupe Cuenca

Ela nasceu em Chuquisaca. Ela se casou com Mariano Moreno, que estudou naquela cidade, e juntos foram morar em Buenos Aires.

Quando seu marido deixou a Junta e foi para uma missão diplomática, Guadalupe lhe enviou cartas falando sobre a política local. As cartas nunca foram recebidas por Moreno, que morreu durante a travessia.

—

Miniatura a óleo sobre chapa de cobre / Anônimo, 1804

- F890

498. Tomás Godoy Cruz

Ele nasceu em Mendoza em 1791 e foi deputado por Cuyo no Congresso de Tucumán, onde promoveu a Declaração de Independência.

Amigo íntimo de San Martín, ele colaborou na organização da Travessia dos Andes, disponibilizando sua própria fortuna.

=

Aquarela-Guache sobre papel / Atribuído a Charles-Henry Pellegrini

- F816

499. Juan Larrea

Esse rico comerciante catalão foi um revolucionário muito ativo a partir de 1810. Ele foi membro da Primeira Junta e foi deputado e presidente da Assembleia do Ano XIII.

Em 1814, como ministro das Finanças, foi o criador da esquadra naval patriota que garantiu a queda de Montevideú. Nesta imagem, ele é visto realizando essa tarefa.

—

Aquarela sobre marfim / Anônimo, 1814

- F4615

500. Vestido de corte imperial

Nas primeiras décadas do século XIX, foi usado o estilo império, muito difundido na corte napoleônica. Ele foi inspirado na simplicidade da Antiguidade Clássica e conferiu liberdade ao corpo feminino, pois não tinha espartilho. As damas da elite usavam esse tipo de vestido, com a cintura ajustada logo abaixo do busto.

Esta é uma réplica do vestido de Bernardina Chavarría de Viamonte mantida pelo museu.

—

Original de cetim de seda, algodão, seda e tule bordado de algodão
Réplicas de fitas de cetim de poliéster por Fernanda Martínez Díaz, Museu Nacional da História do Traje

501. Igreja de Santo Domingo (detalhe)

Mulheres portenhas desenhadas pelo viajante inglês Vidal em 1817.

Devido à influência espanhola, com o vestido estilo império de origem francesa, um pente e uma mantilha também eram usados.

No século XX, um vestido de “senhora de época” foi adotado na Argentina para cerimônias escolares em comemoração ao período da Revolução de Maio e da independência, mas é errôneo para esse período. Em vez do traje império, foi adotado um modelo usado anos depois.

502. “QUEBRAR OS LAÇOS VIOLENTOS” A INDEPENDÊNCIA

Em 1815, iniciou-se uma grande crise. Uma revolta derrubou o diretor Alvear e a Assembleia. A economia estava acabada pela guerra. Em toda a América, os focos revolucionários foram derrotados pelos realistas. Somente os rio-pretenses resistiram, mas divididos em três: as Províncias Unidas, a Liga dos Povos Livres e o Paraguai.

Em um contexto de ameaça, as Províncias Unidas optaram por um novo congresso. A insatisfação geral com Buenos Aires fez com que fosse convocado em Tucumán. Mesmo assim, nem os Povos Livres, nem o Paraguai enviaram representantes. Mas houve deputados das províncias do Alto Peru, que estavam nas mãos dos realistas.

O Congresso de Tucumán começou a se reunir em março de 1816. Com consenso nas províncias, foi nomeado um novo diretor supremo: Juan Martín de Pueyrredón. Também se proclamou “Fim da revolução, início da ordem”, buscando consolidar a obediência ao governo central.

Sua ação fundamental ocorreu em 9 de julho, quando se declarou que “é a vontade unânime e inquestionável dessas províncias quebrar os laços violentos que as uniam aos reis da Espanha”. Agora eles seriam “uma nação livre e independente”. Assim nasceu um novo país, as Províncias Unidas da América do Sul.

- [F931](#)

503. Tinteiro com o qual a independência foi assinada em Tucumán

Este é o tinteiro com o qual, em 9 de julho de 1816, os 29 deputados assinaram a independência “do rei da Espanha Fernando VII, seus sucessores e da metrópole” (dias depois, foi acrescentado “e qualquer outra dominação estrangeira”). A sessão foi registrada no livro do

Congresso, divulgada por meio de jornais, e 1500 cópias da Declaração foram impressas em espanhol, 1000 em quíchua e 500 em aimará. A Declaração original foi perdida em 1816.

O tinteiro pertenceu ao deputado de Jujuy, Teodoro Sánchez de Bustamante.

—

Lavrado em prata

- [MFN 268/9/141](#)

504. Ensaio sobre a história civil do Paraguai, Buenos Aires e Tucumán, de Deán Funes

Em 1816, foi publicado o primeiro volume da história dos territórios rio-platenses, escrito por Gregorio Funes, um eclesiástico cordovês e líder revolucionário. Ele descrevia um passado colonial repleto de abusos e destacava a exploração exercida por autoridades espanholas corruptas. Ele apareceu no momento certo, após a declaração da independência. Para criar um novo país, era necessário escrever uma nova história.

Editado pela gráfica de Manuel Gandarillas e sócios. Volume I, Buenos Aires, 1816

- [F935 / F937](#)

505. Poltrona usada pelos deputados no Congresso de Tucumán

As províncias elegeram um deputado por cada 15 000 habitantes. Buenos Aires obteve o maior número. Politicamente, os congressistas de 1816 eram mais moderados do que os revolucionários anteriores: eles queriam acabar com a revolução para haver ordem, e vários preferiam uma monarquia a uma república. Mas ficou claro para eles que o projeto autonomista já era impossível, porque Fernando VII só aceitaria um

retorno ao sistema antigo. Restava somente uma solução: a independência.

—

Madeira e metal. O tecido não é original.

506. A GUERRA PERMANENTE: O NORTE

O norte do Vice-Reino do Rio da Prata tornou-se uma zona de guerra desde o início da revolução, mudando de mãos várias vezes entre realistas e revolucionários.

Em 1814, os realistas ocuparam Salta. Para abastecer seu exército, eles confiscaram gado e outros produtos em toda a cidade. Isso levou à mobilização dos povoadores rurais. Um chefe militar, Martín Miguel de Güemes, colocou-se à frente desses gaúchos e cercou os realistas, que tiveram que abandonar Salta. Após seu triunfo, ele foi eleito governador da província pelo próprio povo de Salta.

Por sua vez, o exército revolucionário avançou no Alto Peru em 1815 e foi completamente derrotado. Enquanto ele se retirava, os revolucionários do Alto Peru organizaram várias guerrilhas para assediar os realistas. Mas eles derrotaram a maioria delas, avançaram novamente para o sul e, em 1817, tomaram Salta. Güemes conseguiu desalojá-los mais uma vez, pondo em prática a guerra de guerrilhas.

Com esse método, as milícias gaúchas impediram os próximos ataques desde o Alto Peru. Em Salta e Jujuy, os confrontos contra os realistas continuaram até 1825.

- [F1065](#)

507. Sabre de Martín Miguel de Güemes

A doadora desse sabre, filha de Rudecindo Alvarado, declarou que ele foi um presente de Belgrano para Güemes e deste último para Alvarado. Há

dúvidas de que o sabre tenha pertencido a Belgrano, mas sabe-se que pertenceu a Güemes.

Quando ele foi eleito governador de Salta sem autorização de Buenos Aires, alguns acreditaram que ele seria um novo Artigas. No entanto, Güemes criou um bom vínculo com o governo central. A grande oposição que ele enfrentou veio da elite de Salta.

—

Lâmina de aço curva de um gume. Bainha em bronze dourado com cenas de guerra.

- [F9297](#)

508. Retrato fotográfico do Primeiro Sargento dos gaúchos de Humahuaca, José Manuel Mamani

Mamani serviu nas forças de Güemes. Décadas depois, em sua velhice, ele foi retratado em Salta. Ele está vestido no estilo camponês indígena, com um poncho, chinelos *ushutas* e chapéu de beirada.

Güemes garantiu a seus homens que eles não pagariam aluguel de terras enquanto estivessem em guerra. Para muitos gaúchos, lutar pela pátria era procurar uma sociedade mais justa. Quando Güemes morreu em 1821, eles entraram em Salta e atacaram as casas de seus inimigos gritando “morte aos cari brancos”.

—

Fotografia, aprox. 1880

- [F15483](#)

509. Retrato fotográfico de María Loreto Sánchez Peón y Ávila de Frías aos 75 anos

Havia a ideia de que Sánchez Peón y Ávila era uma espiã. Dizia-se que ela se comunicava colocando mensagens no oco de um tronco de árvore e

que se disfarçava de vendedora para entrar em campos inimigos e obter notícias. Esse papel feminino na coleta de informações foi destacado por Pezuela, um general realista, que acrescentou que “as mulheres até se prestavam a meus oficiais e tropas, desde que conseguissem seduzi-los, o que resultava em muita deserção”.

—

Fotografia

- [F5487](#)

510. Retrato de José Antonio Álvarez de Arenales

Arenales nasceu na Espanha. Ele foi capitão de milícias no Alto Peru e apoiou os malsucedidos movimentos afins à Junta de 1809. Ele foi feito prisioneiro, mas escapou antes de ser executado. Ele chegou a Salta e entrou como parte do exército de Belgrano. Ele foi governador de Cochabamba em 1813, até a derrota de Belgrano no Alto Peru. Arenales permaneceu na área à frente da guerrilha de Vallegrande, com a qual ele assediou os realistas. Em 1816, a pressão inimiga o forçou a se retirar para Jujuy.

—

Óleo sobre metal / Pedro Otero, aprox. 1825

- [F1026](#)

511. Retrato de Juana Azurduy

Azurduy desempenhou um papel militar incomum para as mulheres. Com seu marido Manuel Padilla, ela liderou uma das guerrilhas do Alto Peru. No combate de Villar, ela capturou uma bandeira e “a amazona Juana Azurduy” foi nomeada como tenente-coronel das milícias pelo governo central. Os guerrilheiros foram derrotados pelos realistas em 1816 e Padilla foi morto, mas Azurduy conseguiu fugir.

Neste retrato, feito décadas depois, ela é retratada em uniforme militar.

—
Óleo sobre tela / Anônimo

- F864

512. Retrato do general Francisco Antonio Ortíz de Ocampo

Esse oficial oriundo de La Rioja liderou a primeira expedição ao norte em 1810. Ele capturou Liniers e os outros contrarrevolucionários de Córdoba, mas se recusou a fuzilá-los, e a Junta o substituiu por Castelli.

Após a Batalha de Salta, Ortiz de Ocampo foi colocado no comando de Charcas, no Alto Peru. De lá está este retrato, no qual se pode ler “O Cidadão Coronel Presidente de La Plata”, a capital da província. No chapéu, há uma das primeiras representações conhecidas da insígnia branca e azul-celeste.

—
Óleo sobre tela / Autor não identificado, aprox. 1813

513. ATRAVÉS DOS ANDES

Após a declaração da independência, San Martín conseguiu que o novo diretor supremo, Pueyrredón, apoiasse seu plano para vencer a guerra. Ele propôs parar de avançar no Alto Peru, onde os revolucionários sofreram várias derrotas, e, em vez disso, atacar os realistas no Chile e depois seguir para o Peru. San Martín era governador de Cuyo desde 1814 e tinha o projeto bem-preparado.

Uniformes, cobertores, alimentos, mulas, armas, tudo tinha que ser coletado ou fabricado. O grande esforço recaiu principalmente sobre a população da região de Cuyo, que também forneceu o grosso das tropas. Os exilados chilenos também se alistaram, enquanto o governo central enviou homens e recursos desde Buenos Aires. A infantaria era principalmente composta por escravos que se tornaram homens livres,

muitos deles nascidos na África. Todos foram treinados por San Martín em El Plumerillo, nos arredores de Mendoza. Ao mesmo tempo, ele ordenou a difusão de informações falsas para confundir os realistas.

Em janeiro de 1817, o Exército dos Andes iniciou a difícil travessia da Cordilheira por seis rotas diferentes. Chegando, ele enfrentou o exército realista e o derrotou na Batalha de Chacabuco. Iniciava-se a liberação do Chile e do Peru.

- F13259

514. Crucifixo do altar principal da capela do acampamento El Plumerillo

Na primeira campanha no Alto Peru, em 1810, os revolucionários foram acusados de serem ímpios e hereges. Temendo que isso enfraquecesse a causa, figuras como Belgrano e San Martín foram muito cuidadosos ao reafirmar sua adesão à religião.

Antes da partida do Exército dos Andes, as bandeiras foram abençoadas, Nossa Senhora do Carmo foi nomeada Santa Padroeira e general, e escapulários foram distribuídos aos soldados.

Para a campanha, foram trazidos altares portáteis.

—

Madeira policromada

- F1208

515. Cama-cofre do general José de San Martín

San Martín dormiu nessa cama dobrável durante a campanha do Exército dos Andes. Esse era o privilégio dos oficiais de alta patente, ao passo que os soldados dormiam sobre cobertores.

A cama foi abandonada na noite do ataque surpresa realista ao acampamento patriota em Cancha Rayada. Após a vitória patriota em Maipú, ela foi recuperada.

O colchão e a almofada eram recheados com lã ou feno.

—

Baú contendo uma estrutura de bronze dobrável com lona montada, 1,85 m × 0,70 m

- [F1190](#)

516. Batalha de Chacabuco

Chacabuco foi uma vitória patriota muito importante. Ambrosio Cramer, um oficial dos exércitos de Napoleão que, após a derrota do imperador francês, viajou para a América e serviu no Exército dos Andes, lutou nessa batalha.

Após a campanha no Chile, ele retornou à França e encomendou a um renomado artista, Géricault, a impressão de cenas de batalha e retratos de heróis da Guerra da Independência. Em 1820, ele retornou a Buenos Aires para vendê-los.

—

Litografia / Théodore Géricault, Paris, 1819

- [F1233](#)

517. Leque de Laureana Ferrari

Desse leque da Ferrari, nascida em Mendoza, foram retiradas lantejoulas para bordar a bandeira principal do Exército dos Andes.

Os trabalhos de costura **ficaram a cargo** das mulheres de Cuyo, tanto da elite quanto das classes populares. San Martín solicitou ao Cabildo de Mendoza que instasse “as dignas damas desta cidade” a ajudar “a

reparar a nudez do soldado". Foram produzidas centenas de calças, camisas e sacos para projetis.

—

Algodão estampado. Varetas em osso com crivos e bordados

- F1402

518. Morrião do oficial do Regimento de Granadeiros Montados Manuel de Escalada

A criação de um corpo de granadeiros de cavalaria ligeira foi uma novidade das guerras napoleônicas introduzida por San Martín ao chegar da Europa em 1812. Eles tiveram seu batismo de fogo na Batalha de San Lorenzo, em 1813. Em seguida, alguns esquadrões foram enviados para lutar no Norte. Para a campanha dos Andes, San Martín conseguiu reunir todos eles.

As roupas para o exército foram feitas localmente. Foram feitos 2500 capacetes assim, conhecidos como morrião.

—

Metal, seda, lã, contas de vidro e imitação de pelos de animal

- F1191

519. Batalha de Maipú

Após Chacabuco, San Martín foi nomeado diretor supremo do Chile, mas ele não aceitou e O'Higgins foi em seguida designado. A independência do Chile foi declarada em fevereiro de 1818.

Os patriotas então avançaram para o sul, onde os realistas haviam recebido reforços. Eles obtiveram uma grande vitória em um ataque surpresa em Cancha Rayada e seguiram para Santiago. Duas semanas

depois, em 5 de abril de 1818, San Martín os confrontou em Maipú. Foi uma batalha decisiva, que terminou em uma vitória patriota.

—

Litografia / Théodore Géricault, Paris, 1819

- F1235

520. Caixa adaptada para cuia, pequeno braseiro e isqueiro de José de San Martín

San Martín tomava café como bebida quente e estimulante. Em sua contabilidade, ele registra as suas despesas de compra, moagem e torrado. Mas, de acordo com vários testemunhos, ele o fez em sua cuia com bomba.

—

Cuia de porongo, isqueiro de ouro e braseiro de prata, com cabos de madeira em caixa de carvalho, ébano, bronze e veludo. Na fechadura está gravado “Taulin – Palais Royal”, Paris

- F1593

521. Taças apresentadas ao San Martín

Este conjunto de taças empilháveis pertenceu a Lucas Garai, chefe da artilharia chilena. Na capa está escrito “defensor da soberania”. Ele deu-o de presente para San Martín, que por sua vez deu-o para Las Heras.

—

Chifre

- F1205

522. Chifles de José de San Martín

No fim de 1816, San Martín ordenou que todos os chifres nos açougues de Mendoza fossem reunidos. Esses chifres de vaca foram usados para

fabricar os 4000 *chifles* transportados pelo Exército dos Andes. Eles eram usados como cantis.

—

Chifres com desenhos gravados. Base e bico em prata

- [F1152](#)

523. Retrato de José de San Martín

Esse é o primeiro retrato de San Martín a circular no Rio da Prata. Após seu retorno a Buenos Aires para comemorar a vitória de Chacabuco e a entrada patriota em Santiago do Chile, o Congresso das Províncias Unidas propôs que fosse feito um retrato dele para ser distribuído em todo o território. Foi feito por Núñez de Ibarra, de Corrientes. San Martín monta seu cavalo com a crina ao vento, em um terreno montanhoso, com todos os trajes de um general.

—

Gravura / Manuel Pablo Núñez de Ibarra, 1818

- [F1200](#)

524. Óculo de José de San Martín

Na época, isso era chamado de “luneta” e era fundamental para a função de um general, que costumava liderar a ação sem entrar em combate.

—

Madeira, bronze e vidros articulados

- [F1202](#)

525. Esporas de San Martín

Esse luxuoso par é feito à mão, típico da fronteira pampeana e chilena com os povos indígenas mapuches.

—

Ferro e prata

- F1199-13

526. Caixa com compassos e réguas de José de San Martín

Esses instrumentos são usados para desenho técnico. Com eles, territórios e projeções de ataques podem ser traduzidos em escala. O exército tinha engenheiros que coletaram dados, calcularam distâncias e fizeram mapas.

Entre eles, Antonio Álvarez Condarco teve a missão de levar a Declaração de Independência das Províncias Unidas ao capitão realista no Chile, que ordenou a um carrasco que a queimasse. Sua viagem foi uma desculpa para fazer uma inspeção final do terreno.

—

Caixa de madeira coberta com pele de jamanta, réguas de marfim e compassos de latão

- F1326

527. Medalha concedida ao general San Martín por Chacabuco

Após a batalha, o Chile aboliu os títulos e brasões de nobreza. Em vez disso, ele criou a Legião do Mérito para premiar “ações brilhantes”.

—

Prata, ouro e diamante

- F1203

528. Jogo de pistolas de duelo de San Martín

Fabricadas em Lieja e apresentadas ao San Martín em Lima, em 1822. Estojo com instrumentos de carga.

—

Jogo de duas pistolas de fulminantes, cabo de noqueira esculpida e coronha de prata. No cano está gravado “Gen. J. de San Martín”.

- F1248

529. Cartum contra San Martín e O'Higgins

Os revolucionários chilenos foram derrotados pelos realistas em 1814 e vários deles se refugiaram em Mendoza. Havia dois grupos opostos, liderados por Bernardo O'Higgins e José Miguel Carrera. San Martín aliou-se com O'Higgins. Carrera, exilado em Montevideú, atacou seus rivais na imprensa, acusando-os de tirania.

No desenho, San Martín é metade animal e pisa em cabeças ao lado de um trono. Ele promete nomear O'Higgins como príncipe, que lhe oferece a coroa do Chile. Um patriota com um boné da liberdade chama o povo a tirar as vendas dos olhos.

—

Gravura / Manuel Gandarillas, Montevideú, 1819

- F1401

530. Brasão de morrião de granadeiros montados

Nos exércitos da época, a infantaria era fundamental para vencer uma batalha e tinha o maior número de soldados. A cavalaria era responsável por fazer o reconhecimento do terreno, proteger outras unidades, planejar cargas para amedrontar o adversário e perseguir aqueles que debandavam. A terceira arma era a artilharia, um apoio fundamental.

Entre as forças de San Martín, o Regimento de Granadeiros Montados que ele havia criado desempenhou um papel central. O Regimento se destacou nas campanhas do Chile e do Peru. Vários de seus membros continuaram seu serviço no Peru depois que San Martín deixou o país em 1822. Insatisfeitos com a falta de pagamento de seus salários e com a negação do direito de retornar à sua terra natal, alguns granadeiros se sublevaram em 1824 e passaram para o lado realista. Os granadeiros

restantes permaneceram do lado patriota e lutaram em todas as batalhas finais até o triunfo definitivo. Só em 1826 eles retornaram ao Rio da Prata.

—

Metal

- F1421

531. Ralador para bolacha de Eustoquio Díaz Vélez

A comida para a travessia consistia em dois ingredientes básicos: carne e farinha, tanto de trigo quanto de milho tostado. Essas rações eram chamadas de *rancho*.

Os biscoitos de marinheiro ou bolachas eram uma das formas de preservar a farinha. Como eram duras, às vezes era usado um ralador como este, possivelmente para adicioná-las a caldos, ensopados ou sopas.

Durante a travessia, eram feitas duas refeições, uma ao amanhecer, antes de iniciar as marchas. E outra à noite, após acampar e preparar as cargas e as mulas. Nos dias mais frios e exaustivos, eram distribuídas rações extras: embutidos ou queijo, vinho ou aguardente.

—

Metal

532. O peso da travessia

Em um ambiente inóspito e extremo, foram as mulas as que carregaram o que era necessário para sobreviver.

Pessoas / Elementos hospitalares / Armamento e equipamento / Lenha / Comida para o exército / Alimento para os animais

Mulas / Pessoas / Cavalos de combate / Vacas para o abate

Chegaram vivos / Baixas

533. O exército

Mais de 5200 pessoas.

Médicos / Gerais e chefes / Milicianos e auxiliares para: levar cargas e equipamento, pastorear o gado e ser guias da área

Soldados: cavalaria / artilharia / infantaria

534. Comida para o exército

Para cada soldado, foi calculado: 14 kg de charque (carne salada), 6,4 kg de bolacha / 110 g de pimenta / 220 g de sal / 1,8 kg de farinha de milho / 800 g de tabaco / Cebola e alho (para evitar o mal de montanha) / Plantas medicinais / Farinha de milho tostado e queijo / 1 garrafa diária de aguardente

Além disso, levou-se o seguinte:

Tabaco do Paraguai (foi superestimado e sobrou) / Vinho para o corpo de granadeiros montados (tornou-se em vinagre na viagem) / Erva-mate / Produtos de Cuyo, como uvas-passas, figos, caldos, vinhos e licores

Ensopado de bolso

Cada homem carregou cerca de 3,5 kg de ensopado valdiviano desidratado que era cozido e dissolvido em água.

Também era adicionado milho tostado.

Receita de ensopado valdiviano

- charque
- gordura
- sal
- pimenta
- cebolas

535. Armamento e equipamento

1129 sabres / 5000 baionetas / 6582 armas de fogo (fuzis de baioneta, carabinas e mosquetões) + 900 000 projetis / 22 canhões e obuses de montanha + 200 balas, 600 granadas de artilharia e 2000 lata de estilhaços / 888 lanças e chuços / 400 kg no total de enxofre e salitre necessários para a fabricação de pólvora / 300 tendas / 1 ponte desmontável de corda e madeira

536. Equipamento por soldado

1 manta poncho de lã / 1 casaco de pano / 1 sobretudo / 2 jaquetas / 2 coletes / 2 laços / 2 calças / 2 camisas / 2 camisetas / 2 calções / 2 pares de meias / 2 pares de sapatos / 1 chapéu de pano militar / 1 chapéu com viseira e escudo / 1 par de chinelos

Os soldados da cavalaria também carregavam:

1 par de botas / 2 malas de couro ou lona simétricas / para levar no lombo de uma mula.

537. Com o aroma de travessia. Descubra e cheire

O mal de altitude, conhecido como *soroche* ou mal de montanha, foi outra das dificuldades que as tropas tiveram de enfrentar. É causado pela falta de oxigênio no corpo à medida que a altura do terreno acima do nível do mar aumenta.

Para combatê-lo, abundâncias de cebola e alho foram estocadas e transportadas para serem racionadas entre os soldados. Até hoje, a cebola é usada como um poderoso antídoto para prevenir e curar o mal de altitude, apesar de seu mal-afamado aroma.

538. Valdiviano / A receita que atravessou os Andes

Tarde da noite, seja cuidando de uma pessoa doente, em busca de caça ou em uma reunião revolucionária, nossos vizinhos no Chile apreciam esse prato refrescante e restaurador, servido à primeira luz do dia.

Assado e moído em pedra, o charque é desfiado e colocado em um prato, em camadas, alternando com cebolas picadas e fatias de pão e batatas fritas. Despeja-se água fervente sobre isso, escorre-se e, em seguida, derrama-se por cima óleo e vinagre, temperando tudo com sal e pimenta. É servido com relevos de ovos cozidos cortados ao meio.

Amelia López de Soruco. Santiago de Chile. Em *Cocina Ecléctica*, de Juana Manuela Gorriti.

Medicamentos / Do boticário ao armário de remédios

Nota sobre medicamentos para um exército de quatro mil homens em ação contra as tropas inimigas. 5 de junho de 1816.

Éter sulfúrico / Álcali volátil / Ópio puro / Tintura de mirra / Pó de ipecacuanha / Sal de figueira / Pó de jalapa / Magnésia pura / Pó de ruibarbo / Creme de tártaro / Cânfora / Sal amoníaco / Cinchona em pó fino / Tintura de ópio / Extrato de Saturno / Pó de cebola albarrana / Valeriana selvagem / Raspa de sassafrás / lodo para sarna / Óleo de terebintina / Cataplasma de rã / Diapalma / Pós-emolientes / Óleo de rícino / Vinagre excelente / Caixas cirúrgicas / Torniquetes

Cada produto tinha uma ação terapêutica diferente. Eles eram usados como purgantes para intoxicação alimentar, expectorantes, anti-inflamatórios, analgésicos para dor de dente e dor de estômago, pomadas para úlceras ou hemorroidas e desinfectantes para curar feridas. Alguns ainda são usados atualmente.

539. O Exército dos Andes atravessou os Andes dividido em 6 colunas

Coluna sob o comando de Francisco Zelada / 130 pessoas / La Rioja / Passo Come Caballos 4100 m a. n. m. / Copiapó

Coluna sob o comando de Juan Manuel Cabot / 140 pessoas / San Juan / Passo de Guana 4200 m a. n. m. / Coquimbo - La Serena

Coluna sob o comando de José de San Martín, Miguel Soler e Bernardo de O'Higgins / 3000 personas / Mendoza / Passo de Los Patos 4400 m a. n. m. / Santiago

Coluna sob o comando de Juan Gregorio Las Heras / 1.700 pessoas / Mendoza / Passo Uspallata 4100 m a. n. m. / Santiago

Coluna sob o comando de José León Lemos / 155 pessoas / Malargüe / Passo del Portillo 4500 m a. n. m. / San Gabriel

Coluna sob o comando de Ramón Freire / 100 pessoas / Malargüe / Passo del Planchón 3000 m a. n. m. / Talca

Nas duas colunas principais, os avanços foram feitos em ondas sucessivas.

As quatro colunas secundárias tinham o objetivo de distrair e dividir as tropas inimigas.

540. Uma logística muito difícil

– Julho de 1816: Pueyrredón, o diretor supremo, confirmou a San Martín que poderia fazer a campanha para o Chile. Em menos de 6 meses, devia ter feito o seguinte:

- Terminar de reunir as tropas.
- Coletar armas e fabricar projéteis. Mandar fundir sinos, panelas, canos, portões, cadeias e qualquer elemento que tivesse ferro.
- Obter os animais e os alimentos.
- Obter roupas para os soldados. Mandar confeccionar uniformes com várias peças para cada soldado.
- Exercer pressão sobre as autoridades para obter recursos. Pueyrredón prometeu a San Martín que lhe daria o que fosse necessário para a travessia, e este se ofereceu para reorganizar a Loja Lautaro e colocá-la a serviço do diretor supremo.

– Janeiro de 1817: Começou a Travessia dos Andes.

Tempo total: 1 mês / Temperaturas: 30 °C durante o dia, -10 °C ou mesmo menos durante a noite / Vegetação: escassa ou nula

Quanto maior for a altitude, menor a capacidade pulmonar e maior o risco de desidratação.

Santiago / Mendoza / m a. n. m.

- [F1342](#)

541. Baú do general Juan Gregorio Lemos

Lemos foi o intendente do Exército dos Andes, ou seja, a pessoa responsável por cuidar das contas. Ele não mediu esforços para

concretizar o suprimento das forças, por meio de impostos, contribuições e dívidas. O pagamento rigoroso de salários aos soldados era considerado fundamental para manter a adesão, a baixa deserção e a disciplina das tropas.

—

Madeira coberta com couro cru e ferragens

542.

“O que me mantém acordado à noite não é a oposição de meus inimigos, mas a travessia dessas imensas montanhas”.

Carta de San Martín, 14 de junho de 1816

543.

“Os 200 sabres sobressalentes que você solicitou estão sendo enviados. Também estou enviando as 200 tendas de campanha, e não há mais. Coloquei o mundo, o demônio, a carne.

544.

E eu não sei como vou fazer com os truques que estou fazendo para pagar tudo, então vou falir para que você possa me dar um pouco do charque que estou lhe enviando, e foda-se! Não me solicite mais nada, se não quiser ouvir a notícia de que amanheci enforcado em um tirante da Fortaleza.”

Carta de Pueyrredón a San Martín, 2 de novembro de 1816.

545.

“em 24 dias, temos feito a campanha, passamos pelas mais altas cadeias de montanhas do mundo, acabamos com os tiranos e conseguimos libertar o Chile.”

Relatório de San Martín após a Batalha de Chacabuco, travada em 12 de fevereiro de 1817.

- [R4454](#)

546. Ata de Rancagua

Em 1819, San Martín foi convocado pelo governo central do Rio da Prata para combater os artiguistas do Litoral, mas se recusou a entrar em uma guerra civil e não cumpriu a ordem.

Em 1º de fevereiro de 1820, o último diretor supremo caiu e o governo central criado em 1810 deixou de existir. Sem a autoridade que o havia nomeado, San Martín solicitou a seus oficiais que escolhessem um novo chefe. Mas eles, reunidos em Rancagua, recusaram. Eles decidiram que San Martín deveria permanecer no comando em nome da “saúde do povo”. Eles assinaram este documento.

—

Manuscrito, 2 de abril de 1820

- [F1212](#)

547. Selo do Exército Unido Libertador

Após a vitória de Chacabuco, o Exército dos Andes se fundiu com o exército chileno, sendo criado o Exército Unido Libertador. Esse é seu selo.

O brasão espanhol mostrava duas colunas que mitologicamente guardavam a porta de entrada para a Europa. Elas seguravam dois globos que representavam o velho e o novo mundo. Seu lema era Plus Ultra,

“mais longe”, pelas explorações marítimas que levaram à conquista da América. Esse selo foi inspirado na coluna e no globo europeus. O novo mundo ficava independente.

—

Prata gravada

- [F14413](#)

548. Estado Geral das Forças do Exército Libertador do Peru

Com a independência do Chile já garantida, San Martín e O'Higgins decidiram continuar o plano e atacar os realistas no Peru, a principal base realista. O governo chileno contratou navios britânicos para a esquadra. Eles foram batizados de Independência, San Martín, O'Higgins, Pueyrredón e, com nomes indígenas, Lautaro, Arauco e Moctezuma.

A expedição zarpuou em agosto de 1820, com 4118 homens. Eles transportavam uma prensa de impressão para propaganda e uniformes para distribuir àqueles que aderiram à causa.

- [F1288](#)

549. Poncho peuenche dado de presente ao general José de San Martín

Em preparação para a Travessia dos Andes, San Martín teve uma entrevista com os peuenches que controlavam os passos de montanha no que hoje é o sul de Mendoza, que não eram aliados nem dos realistas, nem dos revolucionários. Ele queria solicitar-lhes permissão para mover tropas pelo Passo del Planchón. A assembleia foi bem-sucedida.

Como parte da troca de presentes que era costume na diplomacia, San Martín recebeu este poncho.

—

Tecido de lã. Confeccionado em tear

- [F1389](#)

550. Casaco do general Martín Miguel de Güemes

O sucesso da campanha de San Martín para o Chile se baseou em grande medida na eficácia da guerra de guerrilhas liderada por Güemes no norte, que enfrentou uma invasão realista de Jujuy e Salta oriunda do Alto Peru, no exato momento da Travessia dos Andes.

Esse casaco que pertenceu a Güemes é semelhante ao usado pelo corpo de hussardos e era chamado de dólmã. É provável que seja parte do traje que Belgrano encomendou para Güemes em 1818, quando foi informado de que o líder de Salta não tinha um uniforme adequado para seu cargo.

—

Pano de lã cor de linho decorado com fios dourados

- [F5404](#)

551. Retrato do Coronel Nicolás Rodríguez Peña

Rodríguez Peña foi um dos protagonistas da Revolução de Maio de 1810 e, mais tarde, um importante membro da Loja Lautaro. Ele não fazia parte do exército, mas Gil de Castro o retratou de uniforme como um tributo à sua contribuição à causa patriótica, em uma época em que a carreira militar era altamente prestigiada, em meio à guerra.

Ele usa o brasão do Rio da Prata na fivela do cinto, a estrela chilena na alça da espada e a insígnia no chapéu.

—

Óleo sobre tela / José Gil de Castro, 1817

- [F1522](#)

552. Retrato do Coronel José Antonio Melián

José Gil de Castro foi um famoso pintor peruano que se inclinou para a revolução. Ele era filho de uma ex escrava e dum pardo livre. A partir de

1817, instalado em Santiago do Chile, o Mulato Gil retratou San Martín e os oficiais do Exército dos Andes.

O retratado aqui é Melián, que lutou pela revolução a partir de 1810 e liderou um esquadrão de granadeiros montados na campanha de San Martín no Chile.

Na foto, ele tirou o uniforme, mas em um texto no tecido ele promete usá-lo novamente se necessário.

—

Óleo sobre tela / José Gil de Castro, 1819

- [F1201 / F1177](#)

553. A expedição ao Peru

Em setembro de 1820, a expedição rio-pratense-chilena desembarcou no sul do Peru. Os realistas abandonaram Lima e se mudaram para a serra, onde acreditavam que poderiam se defender melhor. San Martín foi convidado para ir à cidade pela elite de Lima, que temia uma agitação social na ausência de autoridade. Assim, o general entrou na capital como um libertador e não como um conquistador. Em 28 de julho de 1821, ele declarou a independência do Peru.

Sextante do general José de San Martín

É um instrumento para calcular a localização durante a navegação a partir de ângulos entre o horizonte e as estrelas.

—

Por Nairne & Blunt, Londres, aprox. 1780

Desenho da bandeira do Peru criado por San Martín

Supõe-se que ela tenha sido pintada pelo desenhista inglês Charles Wood, que fazia parte da expedição.

—

Aquarela sobre papel. Uma cópia é exibida para fins de conservação.

- [F1632](#), [F7331](#), [F1435](#), [F1263](#)

554. Armas

As lanças e os sabres eram essenciais para a cavalaria e os fuzis de baioneta para a infantaria.

Lança do granadeiro Juan Pascual Pringles

Nascido em San Luis, ele se destacou na campanha no Peru.

—

Madeira e metal

Fuzil inglês Tower

Ele foi capturado da infantaria britânica nas invasões inglesas e reutilizado na Guerra da Independência.

—

Arma de carregamento pelo cano, com pederneira e cano de alma lisa.

Madeira e metal

Sabre do Regimento de Caçadores do Exército dos Andes

Os corpos de cavalaria leve, como os granadeiros e os caçadores, foram introduzidos por oficiais que haviam lutado nas guerras napoleônicas.

Bala de canhão encontrada no lugar que ocupou o Exército dos Andes em Mendoza

Talvez provenha da fábrica de munições administrada por Fray Luis Beltrán, nascido em San Juan.

- [F273](#)

555. Retrato do general Tomás Guido

Guido foi um colaborador próximo de San Martín e desempenhou um papel de liderança na elaboração do plano continental para atacar os realistas no Chile e, mais tarde, no Peru. Nas campanhas do Chile e do Peru, ele completou tarefas militares, administrativas e diplomáticas.

Gil de Castro marcou isso no retrato: ao lado do chapéu elástico com a insígnia patriótica, há uma faixa de prata.

—

Óleo sobre tela / José Gil de Castro, 1820

- [F1635](#)

556. Retrato do general Guillermo Miller

O britânico Miller lutou contra os exércitos de Napoleão e na guerra de 1812 entre o Reino Unido e os Estados Unidos. Quando a paz chegou à Europa após a derrota de Napoleão, ele se mudou para a América para continuar sua carreira militar, assim como outros oficiais. Aqui ele é retratado com o uniforme do Exército dos Andes, ao qual ele entrou, e com suas condecorações. Mais tarde, ele lutou durante toda a campanha do Peru, até a decisiva Batalha de Ayacucho.

—

Óleo sobre tela / José Gil de Castro, 1820

- [F1611](#)

557. Escritório de Bernardo de Monteagudo

Essa peça de mobília portátil pertenceu a Monteagudo, um nativo de Tucumán que foi um dos revolucionários mais radicais nos primeiros anos. Ele acompanhou San Martín ao Peru e foi seu ministro de governo, guerra e relações exteriores. Ele mandou expulsar muitos espanhóis de Lima. Quando San Martín partiu para encontrar Bolívar em 1822, houve um motim contra Monteagudo, que tinha muitos inimigos. Ele teve que

renunciar e se exilar. Ele retornou a Lima com Bolívar em 1825, mas logo foi assassinado.

—

Feito e esculpido em madeira de cedro, século XVIII

- [F14406 / F1219 / F1220 / F14415, 16,17,20, 21,22 / F1211 / F4706-3](#)

558. Peru

Decreto sobre “escravos pertencentes aos emigrados” (realistas)

Aqueles que se apresentassem voluntariamente receberam a oferta de se alistar no exército e se tornar homens livres.

—

Papel impresso. Uma cópia é exibida para fins de conservação.

Tinteiro e selo da Inquisição Peruana

San Martín recebeu essas peças da Inquisição Peruana como “troféus de guerra”, símbolos do sistema colonial derrubado.

—

Porta-canetas, tinteiros, areeiro e campainha em uma bandeja de prata.

Selo lavrado em prata

Moedas do Protetorado do Peru

Em 1822, foram cunhadas moedas sem os símbolos do rei e com um sol no seu lugar.

—

Cobre

Selo do Protetorado do Peru

Com ele estampava-se o brasão desenhado por San Martín. Seu lema era “O sol do Peru renasceu”. Era usado para lacre.

—

Pedra de cornalina esculpida engastada de ouro

Emblema da Ordem do Sol de Serafina Hoyos

Em 1821, a Ordem do Sol foi criada para formar uma nova elite governante de origem militar. Ela também foi concedida a cerca de 200 mulheres.

—

Gancho de ouro trabalhado

- [F1615](#)

559. Retrato de Bernardo de Torre Tagle

O marquês de Torre Tagle foi um nobre de Lima que se tornou colaborador de San Martín no Peru. San Martín o deixou no comando do governo quando partiu para Guayaquil para ver Bolívar em 1822. Mais tarde, Torre Tagle tornou-se presidente do Peru, mas entrou em conflito com Bolívar e fez um pacto com os realistas. Ele morreu refugiado com eles na fortaleza de Callao, perto de Lima.

No retrato, ele tem a condecoração da Ordem do Sol e uma medalha concedida aos membros da Expedição Libertadora.

—

Óleo sobre tela / José Gil de Castro, 1823

- [F1643](#)

560. Retrato do general Simón Bolívar

Bolívar, nascido em Caracas, liderou várias campanhas revolucionárias no norte da América do Sul durante a década de 1810, com vitórias e reveses. Em 1822, ele havia triunfado e estava pronto para ir para o sul e acabar com os realistas na América. Sua principal ambição era formar

uma união de repúblicas americanas que funcionasse sob a coordenação de um congresso.

Ele foi retratado por Gil de Castro, que se mudou para sua cidade natal, Lima, onde pintou os oficiais bolivarianos.

—

Óleo sobre tela / José Gil de Castro, 1825

- [F1319](#)

561. Fraque de gala do Protetor do Peru, José de San Martín

Em 3 de agosto de 1821, San Martín foi nomeado para o cargo provisório de Protetor do Peru, que reunia o comando político e militar supremo, até que um congresso pudesse ser convocado para decidir sobre a forma de governo. San Martín acreditava que uma monarquia constitucional seria o melhor para o Peru.

Ele usou esse traje em ocasiões especiais. O traje tem as cores escolhidas por ele para a bandeira peruana, branco e vermelho. O brilho de seus bordados fazia alusão ao símbolo do sol.

—

Pano de lã bordado com fios metálicos

- [F1769](#)

562. Colete de gala do general Simón Bolívar

Em 1822, quando conheceu San Martín, Bolívar era presidente de um novo país: Colômbia. O país inclui o antigo Vice-Reino de Nova Granada, a capitania geral da Venezuela e a presidência de Quito.

Suas vitórias o tornaram uma figura altamente respeitada por seus contemporâneos em toda a América. Em 1822, uma das principais ruas de Buenos Aires foi batizada em homenagem a Bolívar e ainda leva esse

nome. Quando o Alto Peru declarou sua independência em 1825, prestou homenagem a ele; assim nasceu a Bolívia.

—

Pano de lã bordado com fios dourados

563. SAN MARTÍN E A INDEPENDÊNCIA SUL-AMERICANA

Entre 1817 e 1821, San Martín liderou as forças que derrotaram os realistas no Chile e ao longo da costa do Peru. A última fase da guerra de independência começou em 1822, quando os revolucionários do sul e do norte da América do Sul uniram seus esforços. San Martín e Simón Bolívar, presidente de uma nova república chamada Colômbia (que incluía os atuais Equador, Colômbia, Panamá e Venezuela), se encontraram em Guayaquil para chegar a um acordo sobre como derrubar o último bastião do poder colonial.

San Martín decidiu renunciar ao governo do Peru e saiu de cena. Foram Bolívar e seu colaborador Antonio José de Sucre, no comando de um grande exército, os que lançaram a ofensiva final na serra peruana. Em dezembro de 1824, Sucre obteve uma vitória decisiva sobre os realistas na Batalha de Ayacucho (Peru). Um esquadrão de granadeiros montados do corpo criado por San Martín lutou lá. Esse foi o clímax da longa guerra. Pouco tempo depois, as últimas fortalezas realistas na América do Sul caíram.

San Martín retornou ao Rio da Prata e partiu para a Europa, onde viveu até sua morte, sempre de olho nos assuntos do continente que ajudou a libertar.

- [F1313](#)

564. Retrato do general José de San Martín

Após a entrada triunfal na capital chilena depois da Batalha de Chacabuco, San Martín posou para Gil de Castro. Por meio de lâminas, este último replicou a imagem do general, que encomendou cópias para dar a seus aliados. Ele somente multiplicou o retrato do Libertador para celebrar sua figura. Não houve cópias dos retratos de seus oficiais; eles foram enviados para suas famílias ou mantidos para uso particular.

—

Óleo sobre tela / José Gil de Castro, 1818

- [F8306](#)

565. O Triunfo da Independência Americana

A Batalha de Ayacucho marcou o fim do império espanhol na América continental. Esta imagem celebra isso. O “gênio” da independência, retratado como uma mulher, “começa sua carreira em triunfo”. Ele usa e carrega bonés da liberdade, o símbolo das novas repúblicas.

Cada cavalo representa uma delas: México, Guatemala, Colômbia, Buenos Aires, Peru e Chile. Tudo o que havia sido o Vice-Reino do Rio da Prata passou a se chamar Buenos Aires.

—

Ampliação de uma litografia da coleção do museu / Original impresso pela editora de Rudolph Ackermann, Londres, 1825

- [F1607](#)

566. Espadim cerimonial do general Gregorio Las Heras

Las Heras comandou uma das principais colunas do exército na Travessia dos Andes. Ele desempenhou um papel fundamental no Chile, especialmente na derrota de Cancha Rayada, na qual salvou o exército patriota da destruição. Ele participou da campanha no Peru, onde acabou

se distanciando de San Martín. Mais tarde, ele se tornaria governador de Buenos Aires.

—

Aço, bronze e couro

- [F1461](#)

567. Espada do general Miguel Estanislao Soler

Soler lutou pela revolução desde 1810. Ele liderou uma das principais colunas na Travessia dos Andes e desempenhou um papel fundamental na Batalha de Chacabuco. Depois disso, ele retornou à sua cidade, Buenos Aires, onde o Cabildo lhe concedeu esta espada, encomendada em Londres.

- [F139](#)

568. Espadim cerimonial do general Matías Zapiola

Zapiola foi um dos militares que chegaram com San Martín da Espanha e de Londres em 1812. Participou com ele da criação do regimento de granadeiros montados. Ele liderou os granadeiros na Travessia dos Andes e se destacou na campanha do Chile.

—

Aço, bronze, madreperla

- [F1314](#)

569. Sabre do general José de San Martín

Em 1812, San Martín chegou ao Rio da Prata carregando esse sabre curvo de cavalaria, que ele havia comprado em Londres. Foi a arma modelo do regimento de granadeiros montados que ele criou. O sabre foi utilizado pelo Libertador nas campanhas do Chile e do Peru.

—

Lâmina de aço de Damasco. Bainha de couro preto granulado

- F202

570. Sabre do general José Antonio Álvarez de Arenales

Na campanha do Peru, enquanto o grosso do exército permaneceu no litoral com San Martín, Arenales foi enviado em uma missão fundamental: subir a serra para cercar Lima. Ele obteve uma importante vitória sobre os realistas na Batalha de Cerro de Pasco. Anos mais tarde, ele se tornaria governador de Salta.

—

Aço, madeira, pele e latão

- F148

571. Espada do general Lucio Norberto Mansilla

O portenho Mansilla lutou pela Revolução desde 1810. Ele participou da organização do Exército dos Andes, treinando recrutas e voluntários em San Juan. Lutou em Chacabuco e Maipú. Décadas mais tarde, ele lideraria as tropas que lutaram na Vuelta de Obligado.

—

Aço e pele

- F161

572. Sabre do general Eustoquio Frías

Frías, de Salta, foi um dos granadeiros montados. Ele participou da expedição libertadora ao Peru e fez a campanha da serra com Arenales. Ele fez parte do contingente enviado por San Martín para ajudar Bolívar no atual Equador e lutou na Batalha de Riobamba. Mais tarde, ele foi um dos granadeiros que lutaram nas batalhas decisivas de Junín e Ayacucho.

—

Aço, bronze e pele

- F112

573. Espada cerimonial do general Enrique Martínez

Martínez, nascido em Montevideú, desempenhou um papel importante na Revolução de Maio e lutou por essa causa desde então. Ele se destacou no Exército dos Andes. Em 1820, quando o governo central das Províncias Unidas caiu, ele foi o oficial que propôs que San Martín continuasse no comando do exército em Rancagua. Ele fez a campanha do Peru e liderou o resto do exército de San Martín de volta ao Rio da Prata.

—

Aço, bronze e madrepérola

Todo o patrimônio exibido pertence ao museu.

Por motivos de conservação, alguns documentos são réplicas.

Agradecemos a: